

*Artesania  
da escrita,  
manifesto e  
construções  
de redes  
entre  
educação,  
arte e  
saúde*

*cartas ao entre*

Aline Matos  
Daniele Noal  
Miriam Pavan  
(Orgs.)



## **Diagramação**

Aline Matos  
Miriam Pavan

## **Revisão**

Aline Matos  
Miriam Pavan

## **Capa e Contracapa**

Lilian Maus



Aline Milena Castro Matos  
Daniele Noal Gai  
Miriam Chiara Coelho Pavan  
(Organizadoras)

**CARTAS AO ENTRE:**  
ARTESANIA DA ESCRITA, MANIFESTO E CONSTRUÇÕES DE  
REDES ENTRE EDUCAÇÃO, ARTE E SAÚDE

1ª Edição

Porto Alegre  
UFRGS  
2021

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)**

**C332**

Cartas ao entre : artesanias da escrita, manifesto e construções de redes entre educação, arte e saúde / Aline Milena Castro Matos, Daniele Noal Gai, Miriam Chiara Coelho Pavan (organizadoras) - 1.ed. - Porto Alegre: UFRGS, 2021.

110 p.

ISBN 978-65-5973-065-0

1. Educação 2. Artes 3. Saúde mental I. Matos, Aline Milena Castro II. Gai, Daniele Noal III. Pavan, Miriam Chiara Coelho IV. Título

**CDU: 37**

Bibliotecária: Ana Gabriela Clipes Ferreira CRB-10/1808





## **COMISSÃO EDITORIAL**

Amanda Mauricio Pereira Leite  
Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Angela Nediane dos Santos  
Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

Marilda Oliveira de Oliveira  
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Marilisa Bialvo Hoffmann  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Patricia Graff  
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

Renata Ferreira da Silva  
Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Tásia Fernanda Wisch  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)



## **LISTA DE AUTORAS E AUTORES**

Alice Teixeira Freitas - UFRGS

Aline Milena Castro Matos - UFRGS

Antonio Simeone Correia Leitão - UEA

Daniela Dallegrave - UFRGS

Daniele Noal Gai - UFRGS

Elisandro Rodrigues - Escola GHC

Janaína Oliveira Steiger - Escola GHC

Jose Menna Oliveira - UFRGS, PMPA, IENH

Letícia Dalla Costa - Escola GHC

Luciana Moro Machado - CAPSad

Luísa Copetti - UFRGS

Miriam Chiara Coelho Pavan - UFRGS

Paula Cadore - ESP

Rosana Aparecida Fernandes - UFRGS

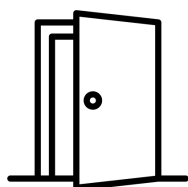
Sônia Maria Lemos - UEA

Telma Maria Fraga Bernardes - UFPEL

Victoria Jantsch Kroth - UFRGS

Vilma Mourão - UEA





## SUMÁRIO

**01. Nota das organizadoras.....09**

**02. Apresentação.....12**

**03. Entre pedagogias da vida e saúde mental.....14**

Carta aos futuros pedagogos atuantes na área da saúde  
mental..... 15

*Alice Teixeira Freitas*

Por uma pedagogia em saída: Fragmentos do  
cotidiano.....22

*Aline Milena Castro Matos*

Reconstruindo Percursos: Portais que se abrem.....26

*Luciana Moro Machado*

*Telma Maria Fraga Bernardes*

Uma colagem - entre e uma carta afeto: algumas memórias de  
uma pedagoga na saúde mental.....32

*Victoria Jantsch Kroth*

**04. Entre-meios do cuidado em educação.....39**

Como tornar-se professora das artesanias em meio a tanta  
tecnologia e com a covid-19?.....40

*Daniele Noal Gai*

Exercícios de escuta e de atenção na pandemia do novo  
coronavírus.....53

*Rosana Aparecida Fernandes*

*Jose Menna Oliveira*

**05. Entre experiências pandêmicas e possíveis modos de  
existir.....71**

Sobre um *Entre* possível.....72

*Janaína Oliveira Steiger*

*Letícia Dalla Costa*

*Elisandro Rodrigues*

Carta ao *Entre Artesanias*.....83

*Luísa Copetti*

Carta narrativa ao *Entre*.....85

*Paula Cadore*

Dos percursos entre o Pampa e a Floresta, amorosidade em  
movimento.....88

*Sônia Maria Lemos*

**06. Entre narrativas poéticas.....90**

*Entre Artesanias*.....91

*Antonio Simeone Correia Leitão*

Dos desejos as memórias de estar entre.....93

*Miriam Chiara Coelho Pavan*

Caminhos do *Entre nós*.....95

*Telma Maria Fraga Bernardes*



Carta ao Entre Artesanias.....97  
*Vilma Mourão*

Carta ao Coelho Branco de Olhos Cor de Rosa ou Sobre como  
enfrentar o coronavírus no País das Maravilhas.....100

*Daniela Dallegrave*

**07. Sobre os autores e autoras.....106**

## #1 NOTA DAS ORGANIZADORAS

Artesania da escrita. Artesanias da palavra. Artesania das Cartas em Educação, Artes e Saúde. Escrevam-nos suas Cartas ao Entre! Enviem-nos após revisar, criar, inventar, artesaniar a escrita. Receberemos Cartas com poesia, aquelas do coração, outras com tom e cor, posicionadas, atuantes no campo estético-político das artes, da educação especial e da saúde mental. Abram suas caixas e relicários, escrevam sobre esta imagem e esta sensação. O nosso primeiro movimento de organização foi escrever um convite aberto à nossa Rede, do Projeto Entre Artesanias da Diferença (modos de existir, aprender e narrar a deficiência e a loucura), da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Organizar uma publicação com Cartas em um período de distanciamento e protocolos sanitários que nos isolam. Estar entre experiências enquanto também se está entre pandemia, entre ataques aos direitos humanos, entre cortes orçamentários de programas públicos e gratuitos, entre negacionismo e falta de vacina. Como narrar? Como ser inventivo? Como criar com mais de 590 mil mortes no Brasil? As cores do nosso país já não são tão alegres e vibrantes, nossa cor é vermelho.

São inúmeras as perguntas. São tempos de poucos bons sonhos comuns. Estamos vivendo um tempo de ambivalências, e paradoxos, de pequenas pequeninas coisas comuns. Esta publicação responde a um objetivo



muito simples: reunir escritoras e escritores. E esses, ao menos esses, partilham do objetivo da inclusão de outros modos de ser, aprender e narrar a diferença potencialmente.

O objetivo da publicação envolve os princípios do Projeto Entre Artesanias da Diferença, porém, marca um projeto de vida de um coletivo de pesquisadoras.

Como organizadoras desta caixinha de correio de Remetentes que residem entre o Norte e o Sul do Brasil, convidamos ao gesto de abrir cartas. As escritas são de autoria de remetentes sensíveis que são chamadas de Alices, Danis, Elis, Alines, Brunas. Convidamos as Destinatárias, as leitoras e os leitores, a serem generosas e generosos. Sugerimos que ajustem o lugar confortável para ler e se deliciar com as cartas.

Seguiremos com inúmeras perguntas, e, ainda assim, com novos projetos dentro deste Projeto Entre, e com desejo de escrever novas Cartas, com escritas entranhadas pela diversidade, pluralidade e singularidade. As remetentes das cartas estão cientes de que a participação, através da publicação de texto e/ou imagens, neste livro digital (e-book), é espontânea e colaborativa, não havendo nenhuma remuneração. Com a divulgação ampla e irrestrita trabalharemos para a popularização do conhecimento e da ciência.

Abram-se ao que pode a escrita como arte e como saúde. A escrita como artesanias é o que produzimos, objetivamos e defendemos aqui. ENTRE... "O muito que há por fazer é, porém, um desafio a cuja resposta, com

vocês, procuraremos nos dar de forma realmente engajada" (FREIRE, 2011, p.159). Carta ao Entre (meio, quase, fissura, rasgo, estriado), então: ENTRE.

Nossos agradecimentos à Sônia Lemos, que inspirou a construção deste e-book, e Lilian Maus, que se dispôs a criar a arte para a capa e contracapa.

*Com afetos,*

Aline, Daniele e Miriam.

### **Referência**

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné- Bissau**: registros de uma experiência em processo. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

## #2 APRESENTAÇÃO

*Paula Cadore*

Este e-book é uma costura. Também pode ser entendido como um telefone sem fio ou como um oxigênio. Uma costura porque alinhava narrativas e produz uma rede afetiva. Um telefone sem fio porque aproxima quem está nos Pampas de quem está na Floresta, compartilhando viveres e gerando outras histórias de cuidado. Um oxigênio porque a ausência de ar nos pulmões tem sido um anseio diário e tem provocado a morte precoce de milhões de brasileiros, assim este e-book é o resultado de encontros de produção de ar, em meio a ausência ou insuficiência dele.

Encontrar pessoas, conhecer gentes, viajar para lugares, abraçar demorado, estar perto, ver o rosto inteiro... foram algumas coisas que perdemos, devido a pandemia de Covid-19. Daquilo que ganhamos, elencamos o medo, a insegurança, ansiedade, raiva, tristeza, luto, o vazio. Gerar vida, em meio a tantas mortes e gestar sentidos de viver em meio a estratégias necropolíticas, é um desafio. Guiadas por este desafio, este e-book é o resultado de quatro encontros que aconteceram em 2020, promovidos pelo projeto interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul com a Universidade Estadual do Amazonas, o "Entre artesanias da diferença (modos de existir, narrar e aprender com a deficiência e com a loucura)".

O "entre", como carinhosamente é conhecido e chamado por nós e nossos parceiros e parceiras, promoveu quatro encontros de escuta, compartilhamento de histórias e convidou para artesanizar momentos, revisitando relicários, conectando através de fios,

recortando e colando rasgaduras, colorindo papéis e tecidos, plantando palavras para que o viver tão solitário e individual do sistema hegemônico capitalista, escancarado na pandemia, pudesse se tornar coletivo, partilhado e potente.

Compartilhar palavras através de “Cartas ao Entre” é um modo de resgatar o artesanal da vida, produzindo o encontro da arte, saúde e educação com nossos sonhos e nossas saudades, em tempos tão sombrios. As cartas, dos diversos participantes dos encontros, são sementeiras do amanhã, mas também são o florescer de agora. São partes individuais e íntimas que se tornam coletivas. São resgates e buscas da poética cotidiana de vidas e modos de viver que foram modificadas bruscamente, sem tempo de adaptação.

Este e-book é um compilado de palavras. Palavras escritas em papéis e sentidas no pulsar da vida, que se faz cheia de incertezas na pandemia. Palavras compartilhadas em encontros virtuais, em que a presença se fez tão viva, que produziu uma rede de acolhimento afetiva. Engavetar estas cartas, seria pactuar com o negacionismo, que tem nos assombrados. O e-book de “Cartas ao entre” é um convite ao leitor a conectar-se consigo e com a humanidade, com a vida que brota na terra. É um convite à sementeira de sonhos, como forma de resistência a tantos ataques à vida. Um convite a entrar em seu íntimo, des-robotizar as ações, aquietar-se, acolher-se e compartilhar a existência, que é e sempre será, coletiva.

# #3

A large, abstract watercolor splash in shades of purple and blue, centered on the page. The splash has irregular, feathered edges and contains several smaller droplets and streaks of color extending downwards and to the left.

**Entre pedagogias  
da vida e saúde mental**



## **CARTA AOS FUTUROS PEDAGOGOS ATUANTES NA ÁREA DA SAÚDE MENTAL**

*Alice Teixeira Freitas*

Qual a dimensão da atuação do profissional da área da pedagogia? Em quais espaços o pedagogo pode estar presente, compartilhando seus saberes? Como se dá a presença dele em espaços não escolares? Estes questionamentos e dúvidas surgiram, quando a realização do estágio obrigatório curricular do curso dentro da área da saúde mental surgiu como uma possibilidade.

Ao atingir a 5ª etapa do curso de pedagogia na UFRGS, nós graduandos somos convidados a eleger uma área de atuação de interesse para realizar o primeiro estágio curricular. As opções correspondem a quatro áreas distintas: Gestão educacional, Educação Social, Educação especial e Atendimento Educacional Especializado. Dentro do campo da educação especial, existe a possibilidade da nossa atuação em espaços de saúde mental. Como é o caso do Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi), vinculado ao Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA).

O CAPSi é um espaço destinado à atenção e ao cuidado da saúde mental de crianças e adolescentes, de 5 a 18 anos, que apresentam sofrimentos psíquicos e transtornos mentais. Possui como objetivo

[...] oferecer atendimento à população de sua área de abrangência, realizando o acompanhamento clínico e a

reinserção social dos usuários pelo acesso ao trabalho, lazer, exercício dos direitos civis e fortalecimento dos laços familiares e comunitários. (BRASIL, 2004, p. 13)

Conta com o trabalho de uma equipe multiprofissional, de distintas áreas: medicina, assistência social, psicologia, educação física, enfermagem, terapia ocupacional, entre outros.

Nossa vivência dentro do CAPSi começa após definida a divisão de nossa turma de estágio em duplas. Em fevereiro de 2021, tivemos o primeiro contato com a nossa supervisora, terapeuta ocupacional, que começou a apresentar o espaço do CAPSi para nós. Logo em nossos primeiros encontros, conhecer a história da reforma psiquiátrica no Brasil, estudar a criação das Redes e Centros de Atenção Psicossocial, entendendo como é o seu funcionamento e princípios dentro do SUS, foi algo muito inspirador para começarmos a nos aproximar da área da saúde mental e conhecer a sua importância na vida de milhares de usuários de todas as idades.

Ao longo de nossa experiência de estágio, pudemos conhecer o funcionamento do trabalho desenvolvido no CAPSi, vendo como a integração e planejamento entre diversos profissionais de diferentes áreas possibilita um atendimento aos pacientes, considerando as diversas dimensões da promoção de saúde, do atendimento em saúde mental na perspectiva da atenção, da escuta, do vínculo, de práticas de educação e saúde em liberdade.

No início do estágio, a compreensão da relevância do profissional da pedagogia neste espaço não se mostrou tão clara. Ao longo dos meses, conforme vivenciamos esta experiência, reconhecemos que a importância do educador nestes espaços é entender que para além de diagnósticos médicos e o uso de

medicações, este espaço lida com diversas subjetividades. Sujeitos que possuem histórias, gostos, preferências, paixões, distintas formas de se expressar e de ver e entender o mundo.

O público do CAPSi são crianças e adolescentes que possuem o direito à educação assim como qualquer outro brasileiro. Dentro disso, nós pedagogas realizamos atividade de ensino e aprendizagem de forma a promover o desenvolvimento social e psíquico dos usuários, entendendo que o processo de aprendizagem além de ser determinado por questões orgânicas e genéticas é marcado por questões afetivas, sociais e culturais. A relação com o espaço escolar para muitos destes sujeitos é marcada por violências e mal estares e dessa forma, o espaço não-escolar do CAPSi é uma alternativa de promoção de educação.

No decurso de nossa atuação, realizamos teleatendimentos, dentro do ambiente virtual, através de chamadas de vídeo dentro do ambiente do Whatsapp. Sempre acompanhadas de nossa supervisora. Nestes encontros convidamos crianças para participar de propostas de contação de histórias, jogos, brincadeiras e exercícios de escrita. Sempre oferecendo um espaço para escuta e diálogo sobre temas de seus interesses. Dessa forma, os teleatendimentos realizados tiveram como objetivo principal, a criação de vínculos para que os pacientes se sentissem à vontade para construir algo conosco.



Imagem 1: Registro de nosso encontro e trocas

Fonte: Arquivo da autora

Registro de um de nossos teleatendimentos a uma usuária de 11 anos. Neste dia havíamos proposto diversos desafios de desenho. Nesta foto ela nos mostra o resultado de seu desenho às cegas.

Também tivemos a oportunidade de participar de grupos e oficinas rotineiras dentro do CAPSi. Pudemos acompanhar o Grupo Artería, o qual consiste em uma oficina de confecção manual de diversos objetos como porta-retratos, pulseiras e colares. Assim como também, participamos do Grupo Travessias que objetiva ser um espaço para o debate de diversos temas importantes para o cotidiano e faixa etária dos adolescentes participantes, tais como sexualidade, preconceito, mercado de trabalho, problemáticas

sociais, entre outros. Nestas oficinas, os adolescentes encontravam um espaço para estabelecer vínculos uns com os outros, escutar a fala do outro e também trazer suas próprias contribuições de opiniões e vivências.

Realizamos também encontros juntamente da equipe de profissionais da área da educação física, terapia ocupacional e psicologia, no formato de seminários de estudo, sobre os diversos transtornos e deficiências do público do CAPSi. Juntos realizamos a leitura de alguns trechos da quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), assim como de diversos artigos e manuais que propõem pensarmos as estratégias e condutas para desenvolver um trabalho de qualidade com estes sujeitos, considerando, também, a dimensão pedagógica. Neste espaço pudemos realizar estudos de caso, identificando quais as características e comportamentos apresentados pelos pacientes se encaixam dentro dos diagnósticos. Esta experiência aprofundou nossos conhecimentos acerca dos transtornos mentais graves ou persistentes, trazendo informações importantes a serem consideradas em nossa atuação enquanto professoras inclusivas.

Por outro lado, esta constante busca por diagnósticos das crianças e adolescentes nos provocou em certos momentos, algumas reflexões acerca da concepção de tratamento de saúde mental presente neste espaço. Problematiza-se este aspecto para pensar em como “[...] a nomeação diagnóstica pode adquirir tamanha valência que destitui o nome próprio da criança, substituído pela identidade social conferida pelo nome da síndrome em que a medicina localiza” (CERVO e SILVA, 2014, p.448). Ao longo do estágio, fomos convidadas a identificar, com maior ênfase, quais eram os comportamentos observados que são característicos



de cada transtorno, e menos a identificar as características subjetivas e singulares de cada criança ou adolescente. Dessa forma, pensamos que como o olhar da pedagogia é essencial neste espaço.

Ao fim de nosso estágio, realizamos atendimentos de duas crianças de 11 anos. Ao longo desses encontros escrevemos pareceres descritivos das características e potencialidades demonstradas pelas duas crianças, que foram repassados para as escolas e também compartilhados com as famílias, com o objetivo de contribuir com indicações que possibilitem a inclusão delas, com atendimento pedagógico que contemple suas necessidades.

Em relação à usuária que atendemos este exercício de construir um parecer, nos levou a identificar as características de sua escrita, o que nos fez concluir que ao contrário do que consta em seu estudo de caso, está alfabetizada. Contudo, este exercício nos convidou, principalmente, a perceber suas necessidades de encontrar possibilidades de diálogo e encontro com outras crianças de sua idade.

O relato de nossos atendimentos com o menino nos levou a identificar as condições que tínhamos que oferecer a ele para que conseguisse prestar atenção e se interessar por nossos encontros. Conhecer suas potencialidades e limites, enquanto uma criança com autismo foi essencial para que pudéssemos planejar nossas atividades da melhor forma.

Por fim, destacamos a importância de nós, como profissionais da pedagogia, reivindicarmos o nosso lugar e importância dentro da saúde mental. A oportunidade de atuar no espaço do CAPSi prova como a educação se faz presente não somente dentro dos espaços escolares.

## Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. **Saúde Mental no SUS: os centros de atenção psicossocial**. Brasília, 2014

CERVO, Michele da Rocha; SILVA, Rosane Azevedo Neves da. Um olhar sobre a patologização da infância a partir do CAPSI. **Revista Subjetividades**, v. 14, n. 3, p. 442-452, 2014. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rs/v14n3/08.pdf>>. Acesso em: 5 maio 2021.

## **POR UMA PEDAGOGIA EM SAÍDA: FRAGMENTOS DO COTIDIANO**

*Aline Milena Castro Matos*

*Outubro de 2021.*

*Pandemia.*

*Ano 2.*

### **Fragmento 1:**

Movida pelas paixões da vida, inspirada nas cartas de Paulo Freire (FREIRE, 2011), impulsionada pelo que presencio nos corredores de um Centro de Atenção Psicossocial Adulto, começo essa escrita com as sensações que convocam uma estudante de *pedagogia em saída*.

Quando penso em uma pedagogia em saída me ocorrem três pensamentos, o primeiro é que algo precisa estar dentro para ir para fora, ora, se algo precisa entrar para sair, existe um entre um e um entre outro, que também é a segunda ideia que me ocorre. A última, mas não menos importante, é a seguinte: Sair para onde?

Sentada em frente ao notebook, em um quarto, numa cidade da região metropolitana de Porto Alegre no estado do Rio Grande do Sul, na ponta do sul do Brasil, penso sobre o que está dentro. Não dentro deste país, ou dentro deste estado, ou dentro desta cidade, ou dentro deste quarto, ou dentro da memória deste notebook, mas sim do que está dentro do "o que é ser pedagoga?". Não me atreverei a responder essa pergunta, embora essa carta apresente alguns resquícios disso. Mas, subo algumas linhas e utilizo da indagação para pensar se pode uma pedagogia que seja parada, que esteja dentro.

Talvez você pense que uma pedagogia em saída seja aquela que esteja para fora de um lugar comum. Então, poderia eu dizer

que ser pedagoga em saída é estar ocupando outros espaços que não o tradicional? Jamais! Não eu. Eu não direi isso, embora esse pensamento imaturo possa já me ter ocorrido. Amadureci esse pensamento com uma querida amiga, que escreve sobre pedagogas radicais. Assim como as pedagogas radicais, que podem estar em qualquer espaço, a pedagogia em saída pode estar dentro de um espaço convencional.

### **Fragmento 2:**

Estar entre. Entre a imensidão dos dias à lentidão de quem vive suas primeiras horas de uma quarentena, que se transforma em uma pandemia. Estar entre uma crise sanitária. Estar entre ataque aos direitos humanos. Estar entre o sistema único de saúde. Estar entre produção de conhecimento científico que resultam em nós. Entre genocídio do povo brasileiro. Entre mortes evitáveis. Entre vontades. Entre o aluguel. Entre o gás. Entre o aumento da gasolina. Entre o aumento da carne. Entre nosso próprio casulo, ou manicômio, como você preferir.

Como estar dentro e fora?

### **Fragmento 3**

Ora, se algo precisa entrar para sair, existe um entre um e um entre outro. Eu descobri o meu entre fazer escolar e fazer-me pedagoga. Me senti pedagoga em saída quando coloquei meu pé no chão e corri com meus alunos, quando brinquei de esconde-esconde na mata, quando subi na casa da árvore para fazer o lanche da tarde. Mas, de verdade, me entendi *pedagoga em saída* quando trabalhei história e língua portuguesa através de práticas

experimentais de teatro, com alunos de uma escola privada, rígida em seu fazer pedagógico, com uma pedagogia estática.

Por uma pedagogia que vai, que brinca de esconde-esconde com as crianças, que aposta corrida até a esquina com jovens, por uma pedagogia que joga baralhos de cartas com os adultos mais retraídos. Por uma pedagogia que sabe aproveitar o maior instrumento que temos: o corpo.

#### **Fragmento 4:**

No nosso pequeno território do CAPS, também vivemos um entre. Não quero escrever-te para falar de adesão de tratamento, medicamentos ou prontuários médicos, isso eu faço questão de deixar para quem é obrigado a escrever. Poderia eu compartilhar com você meu planejamento pedagógico e responder aquela pergunta inicial: "O que faz a pedagoga no CAPS?". Mas, ao contrário, te falarei apenas uma questão: o vínculo com o serviço de saúde mental só será estabelecido se o usuário for visto como a pessoa única que ele é. Voltemos aos princípios do Sistema Único de Saúde. Olhemos para a equidade. Saibamos nós olhar para a humanidade do outro e suas necessidades. Saibamos nós entender a importância do exercício de escuta e atenção. Saibamos conversar sobre as coisas banais da vida com aqueles que circulam por esse espaço. Isso é fortalecimento de vínculo.

Habitar esse pequeno território é viver constantemente uma artesanaria que se reconfigura, conecta, espalha, para, volta e aprende.

#### **Referência**



FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné- Bissau**: registros de uma experiência em processo. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

## **RECONSTRUINDO PERCURSOS. PORTAIS QUE SE ABREM.**

*Luciana Moro Machado*

*Telma Maria Fraga Bernardes*

A participação neste encontro trouxe a possibilidade de repensar e mostrar um pouco, os procedimentos terapêuticos que utilizamos em nossas intervenções, recursos que são disponibilizados a curto e longo prazo. As intervenções ocorrem em um CAPS AD III, Centro de Atenção Psicossocial de Álcool e Outras Drogas. A comunicação prioriza o relato do cotidiano dos atendimentos do CAPS AD III Girassol, localizado no bairro Restinga, Extremo Sul da cidade de Porto Alegre. Considerando sua localização e aspectos culturais da região, onde está inserido, institui-se o Projeto Terapêutico com técnicas de intervenção para atividades individuais e grupais, projeto esse que tem a arte e a cultura como principal eixo teórico e prático, posto que são alicerces na vida em comunidade, familiar e pessoal e fundamentais não só no viver em si mas, também, um recurso essencial para restabelecer capacidades e a prevenção em saúde mental. O viés que envolve arte e a cultura local, busca reforçar a capacidade criativa e potenciais dos indivíduos em atendimento, bem como sua reinserção psicossocial.

O Caps Girassol, Centro de Cuidados em Saúde Mental está localizado na zona sul da cidade de Porto Alegre, em local que apesar de apresentar grande vulnerabilidade social é conhecido por importante e diversa expressividade cultural, fato que contribui muito como recurso terapêutico. A comunidade é conhecida pela tradição nos Carnavais da cidade, com histórias de várias

premiações, de forma que a expressão cultural está ligada a música, a dança, e o candomblé.

A equipe é multidisciplinar, entre eles, técnicos assistentes sociais, psicólogos, médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem, oficinairos, terapeuta ocupacional, educador físico, secretário, auxiliar de serviços gerais. Os atendimentos são agendados previamente, seguindo demanda espontânea ou em emergência. Os atendimentos são a nível de ambulatório, grupos, oficinas e ingresso em permanência noturna por um período de até quatorze dias. A avaliação é realizada por um dos técnicos, encaminhada para atendimento, conforme a indicação, acompanhamento individual ou modalidade intensiva. Após o acolhimento o indivíduo é encaminhado a um técnico de referência. O projeto terapêutico é feito pela equipe.

Partimos da compreensão do indivíduo através do seu desenvolvimento, dos seus laços com sua comunidade de origem e família. Acreditamos que o processo de criar, faz parte da caminhada de todo e qualquer indivíduo, faz parte da sua constituição, se empobrecido no seu desenvolvimento, ou durante seu curso na vida, terá suas repercussões nos seu desempenho, no ciclo vital. Através da arte poderá expressar sua capacidade de criar, de elaborar, de transformar as experiências, ou não, dependendo de seu potencial e do meio que o estimula ou reprime.

A criança exercita suas capacidades, expressa seu mundo de fantasias, transforma e busca organizar o mundo que a cerca, dependendo de suas vivências, do suporte que recebe de sua família, das possibilidades que lhe dá sua comunidade, vai crescendo, criando seus próprios recursos para enfrentar a vida e construir seus próprios caminhos. O adoecimento que pode surgir

em qualquer período do desenvolvimento, sejam quais fatores, pessoais, ou familiares, muitas vezes interferem na plenitude de sua capacidade, impedindo a utilização de recursos de saúde podendo levar a privações e os mais diferentes quadros sintomáticos, entre eles a dependência química.

Encontramos muitos estudos em psicologia e psiquiatria sobre o desenvolvimento e a importância dos cuidados na infância, o suporte afetivo, criação, o efeito das privações na vida do indivíduo e sintomas decorrentes, referências as quais utilizamos em outras comunicações, entendemos ser importante salientar, na área da arte, a artista Fayga Ostrower, em seu estudo sobre a criatividade. A autora formula que a criatividade se realiza em conjunto com a realização da personalidade de um ser: da maturação como processo essencial para a criação. O processo de maturação envolve, pois, uma unificação em maior diversificação; envolve na busca de identidade a possível individuação da personalidade. A propensão a diferenciar-se a reordenar-se a fim de atingir níveis de maturidade é imanente aos próprios processos da vida. Como essencial ciclo de crescimento e de transformação, o amadurecimento é uma necessidade do ser. Essa necessidade pode não tornar-se consciente, mas nossa vida psíquica subjetiva, ela está sempre presente. Crescer, realizar potencialidades, definir-nos em nós, conhecer-nos melhor, identificar-nos coerentemente, são anseios tão absolutos, tão claros e evidentes em si, que dispensam qualquer explicitação. E ninguém se admira das consequências trágicas da não realização do homem do que lhe seria possível: o vazio da vida, a apatia, a falta de respeito pelos outros (já que tampouco foi respeitado seu próprio potencial) e quando não pior, um revide violento e brutal contra si mesmo ou contra os outros.

Na nossa prática clínica, encontramos, recorrência de privações e não realizações, um grande vazio, com que esses indivíduos convivem, sem sentir-se capazes de administrar, de realizar-se, entretanto, observamos que há possibilidades de desenvolver potenciais, que ficam encobertos, atacados pela dor e sofrimento. O entorpecimento impede possibilidades de criar espaços de expressão. O trabalho utilizando o suporte terapêutico, a continência, dando possibilidades e expressão e criação tem por objetivo auxiliar o desenvolvimento de outros meios de expressão. O projeto terapêutico inclui várias técnicas de intervenção como psicoterapias individuais e em grupo, educação corporal, hortas, passeios, abordagens holísticas, oficina de culinária, entretanto, nossa proposta é destacar atividades relacionadas ao processo criativo, envolvendo expressões em arte, desenho e pintura, música.

Ressalta-se, também, que a pandemia que atingiu a todos, interferiu nas rotinas de trabalho, entretanto ocorreram transformações, apesar das dificuldades encontradas. Novas tecnologias e abordagens estão sendo utilizadas, com objetivo de criar outras possibilidades de cuidado ampliado, cuidado em liberdade. A Web Rádio Resenha e o Zine foram atividades que possibilitaram através da poesia, música, arte e criações, momentos de reflexão e intervenção em uma clínica social, tão complexa em tempos de pandemia, visto que, os usuários de álcool e outras drogas se constituem a população mais marginalizada, perseguida e patologizada por diagnósticos de anti sociais, criminosos, bandidos e vagabundos dos tempos atuais. Estar na clínica de dependência química é estar em uma psicoeducação de um sintoma social repressor e criminalizador.

A reconstrução de "bordados de uma existência" são recursos possíveis na clínica ampliada, nos cuidados em liberdade. Nesse sentido, o exemplo de Arthur Bispo do Rosário, com suas narrativas de desfiar roupas de dentro da Colônia Juliano Moreira, na tentativa de bordar vias possíveis de percursos de sua existência é importante referência no trabalho de recuperação psicossocial. O extenso trabalho de Nise da Silveira, possibilitou mudanças fundamentais para a recuperação de indivíduos em sofrimento psíquico e busca de novos sentidos através da construção de um espaço de expressão, através da criação, tendo não só mostrado aspectos criativos de pessoas com sintomas psíquicos bem como, revelando, inclusive, artistas. Compartilhamos aqui, com imagens, um pouco desse processo.



Imagem 1: Aspectos criativos  
Arquivo: Fonte da autora



Imagem 2: Aspectos criativos  
Fonte: Arquivo da autora

## Referência

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. Rio de Janeiro. Editora Vozes .1978

## **UMA COLAGEM-ENTRE E UMA CARTA-AFETO: ALGUMAS MEMÓRIAS DE UMA PEDAGOGA NA SAÚDE MENTAL**

*Victória Jantsch Kroth*

Ao receber o convite para essa carta, minha primeira ideia foi escrever sobre o Relicário proposto no encontro que participei do Projeto Entre, e como mexer nas minhas caixas de memórias - a com lembranças materiais e a com lembranças do sentir - foi importante naquele momento. Pensei em escrever sobre a pandemia, sobre estar “parada” e ao mesmo tempo cheia de coisas. Pensei em escrever sobre a #escutamor, sobre os encontros e o respirar da II Bienal do Jogo e Educação<sup>1</sup>. Pensei em escrever sobre as experiências na saúde mental e sobre a luta antimanicomial, sobre uma educação manicomial e uma educação para a liberdade (hooks, 2017), sobre como o manicômio se reproduz nos espaços sociais e como a casa se tornou o manicômio - ainda mais nos tempos pandêmicos.

Mesmo revirando em memórias e experiências que reavivam o corpo, borbulham a mente e aquecem o coração, eu ainda seguia em dúvida sobre o que escrever nessa carta. Resolvi fazer uma colagem sentindo que ela daria os caminhos dessa escrita. Uma colagem com uma intenção, com uma inspiração mas sem um roteiro. Peguei algumas revistas, uma folha e cola. Tesoura não. Precisava rasgar, para então recriar. Uma colagem que se criava entre o achar, o rasgar e o encontro - entre eu, a inspiração e a

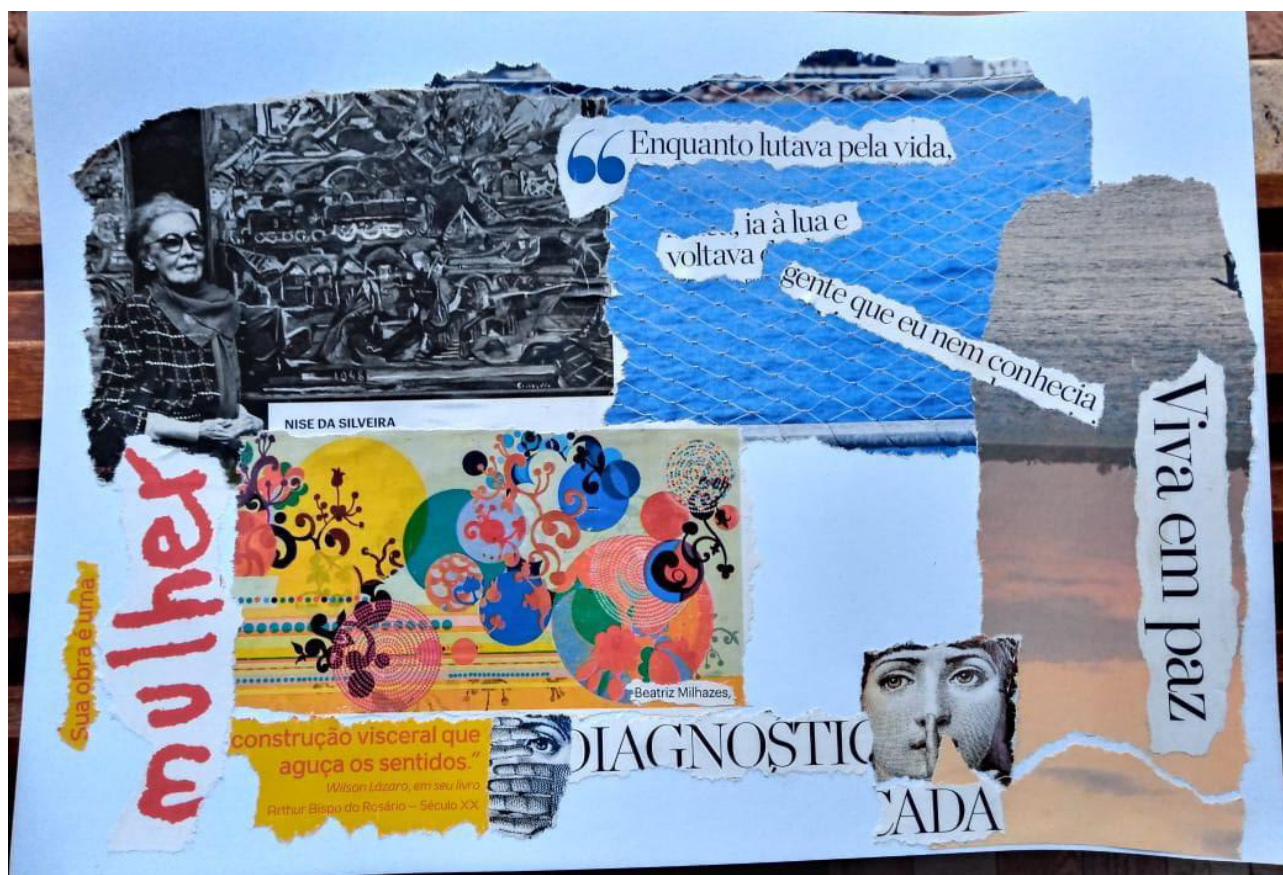
<sup>1</sup><https://www.ufrgs.br/bienaljogoeducacao/escutamor-2/>



imagem.

Abro a revista em uma página com uma reportagem sobre uma mulher com deficiência e me chamam atenção algumas partes: “enquanto lutava pela vida”, “ia à lua e voltava”, “gente que eu nem conhecia”. Rasguei. Abri outra revista e revirando as páginas, em uma reportagem sobre 15 mulheres revolucionárias lá estava ela: Nise da Silveira. Rasguei. Folheando mais umas páginas encontro uma obra da artista Beatriz Milhazes. Rasguei. Pego outra revista e abro bem na página da reportagem “quem borda seus males espanta”: “Sua obra é uma construção visceral que aguça os sentidos” falando sobre Bispo do Rosário. Rasguei. Juntei com mais algumas coisas e coleí.

*enquanto lutava pela vida  
ia à lua  
e voltava  
gente que eu nem conhecia  
viva em paz  
sua obra é uma  
mulher  
construção visceral  
que aguça os sentidos  
diagnosticada*



São muitas as possibilidades de viagem e caminhos por essa colagem, mas vou seguir a ordem que as coisas foram aparecendo enquanto ia rasgando e colando. E, pensando em saúde mental e em cuidado na saúde, essa colagem condiz muito com as suas inspirações. Nise da Silveira, Bispo do Rosário e Beatriz Milhazes são algumas referências que aparecem e lembram muito os fluxos da correnteza da saúde mental que experienciei enquanto estudante do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS): projetos de extensão, estágio obrigatório na Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico e estágio não-obrigatório no Centro de Atenção Psicossocial. Memórias da experiência, que estão no meu corpo-relicário. E o que eu estava fazendo naqueles espaços? O que faz uma pedagoga nesses espaços de saúde? Pensar em uma educação manicomial e uma educação para a

liberdade (hooks, 2017)?

Nise da Silveira é uma grande mulher, referência na luta antimanicomial, que me acompanhou ao longo do estágio na Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Pelas paredes da Oficina tinham muitas cores e frases de Nise. O livro de capa verde com escrito em laranja e fonte bem grande "Nise da Silveira" estava na mochila e viajou comigo. Nise me acompanhou - e ainda acompanha - me fazendo pensar, sempre, nos mais distintos estados do ser e lembrar que o que cura é o estímulo à criatividade (SILVEIRA, 2009).

Conheci a obra de Beatriz Milhazes em 2019, quando assisti a uma exposição dela no Centro Cultural da UFRGS junto com os amigos do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). Foi um passeio em um local escolhido por eles, em uma quarta-feira à tarde. Pegamos ônibus até o Museu e assistimos à exposição de Beatriz e também outra chamada "O Fio Vermelho: uma poética revelada pela delicadeza". Sempre que vejo algo de Beatriz lembro deles, desse passeio, dessa tarde, das experiências no CAPS.

Uma "construção visceral que aguça os sentidos" é parte da reportagem sobre a obra de Bispo do Rosário. Bispo foi um dos artistas, junto com Lygia Clark, Hélio Oiticica e Cora Coralina que inspiraram os encontros do Programa de Extensão Geringonça [Pedagogias da diferença. Ecologias da vida] com uma escola de Educação Especial e um CAPS Adulto de Porto Alegre - RS. Encontros jogados, dançados, pulados, riscados, recortados, enleados, brincados. Esses encontros foram preparatórios para a "I Bienal do Jogo e Educação - múltiplos e corpos", um evento que aconteceu em Porto Alegre, em 2018, com o objetivo de jogar e compor no encontro com as diferenças, com múltiplos e corpos. Em

2020, em meio à pandemia, a II Bienal do Jogo e Educação #escutamor foi virtual. Um respiro em meio a tantas angústias, um acolhimento coletivo para nos reavivar. Se o jogo se dá pelo encontro, pelo contato, pelo corpo, como fazer isso pelas telas? Um desafio que foi se desvendando enquanto a Bienal #escutamor acontecia. E, dessa vez, o objetivo foi nos voltar para escuta sensível e atenta, e o amor.

A #escutamos me levou a pensar na importância da escuta, na importância da escuta na saúde e para a saúde. Uma escuta atenta, aberta, amorosa, afetiva e acolhedora. Uma escuta com o coração, com o corpo todo. Uma escuta que abraça e cuida. Paulo Freire (1981, p.93) nos diz que “sem amorosidade não há diálogo”, então sem amor também não há escuta. Aquela escuta que é do coração, que é do olhar, que é do tocar, que é do respeitar e acolher todas e todos e todxs. A #escutamor se compõe e se faz com verbos, portanto, com ação: escutar + amar. (II Bienal do Jogo e Educação, 2020).

Encontros, memórias, vínculos e afetos que me compõem. Uma carta-afeto que surgiu a partir do rasgar e colar. Uma colagem que remexeu e movimentou, que conecta as lembranças do vivido em espaços de saúde pública. Memórias das experiências que me fazem buscar, questionar e querer entender ainda mais o espaço de uma pedagoga na saúde mental. Uma carta com memórias dos afetos, uma carta confusa, de muitas coisas, de saudade, de esperança, de movimentos, de vida. Que essa carta-relicário-afeto-colagem instigue, assim como nos diz o grande mestre Ailton Krenak(2019), a continuar a experiência mágica de existir.

*"Deveria ser a profissão de fé de qualquer pessoa,  
atuar no mundo para a vida continuar existindo,  
não como uma reprodução material da vida,  
mas como uma continuação da  
experiência mágica de existir"*  
(KRENAK, 2019)



## Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.


II Bienal do Jogo e Educação. **#Escutamor**. Disponível em <<https://www.ufrgs.br/bienaljogoeducacao/escutamor-2/>>.

Acesso em 03 de maio de 2021.

SILVEIRA, Nise. **Nise da Silveira** - organização Luiz Carlos Mello. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.

KRENAK, Ailton. **O tradutor do pensamento mágico**. Entrevista para a revista Cult. 4 de novembro de 2019. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/ailton-krenak-entrevista/>.

# #4



**Entre-meios do cuidado  
em educação**

## **[CARTA AO ENTRE] COMO TORNAR-SE PROFESSORA DAS ARTESANIAS EM MEIO A TANTA TECNOLOGIA E COM A COVID-19?**

*Daniele Noal Gai*

Esta “Carta ao Entre” foi escrita a partir das artesanias produzidas nos dias dos encontros virtuais do Projeto Entre Artesanias da Diferença. Esses encontros se deram através da extensão universitária e reuniram estudantes e professores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Universidade do Estado do Amazonas, e principalmente pessoas da comunidade, profissionais do campo das artes, da saúde e da educação. O objetivo da ação de extensão foi envolver, aproximar e produzir conjuntamente entre comunidade e universidade. Assim como o fortalecimento de ações entre coletivos e disseminação do conhecimento popular e científico, valorizando a potência do encontro Entre, o encontro COM. A reunião potente ENTRE o que é da cultura, do comunitário, da comunidade, e aquilo que é da comunidade, como é o caso da universidade.

“Paz, é reparação  
 Fruto de paz  
 Paz não se constrói com tiro  
 Mas eu miro, de frente  
 A minha fragilidade  
 Eu não tenho a bolha da proteção  
 Queria eu guardar tudo que amo  
 No castelo da minha imaginação  
 Mas eu vejo a vida passar num instante  
 Será tempo o bastante que tenho pra viver?  
 Eu não sei, eu não posso saber  
 Mas enquanto houver amor, eu mudarei o curso da vida  
 Farei um altar pra comunhão  
 Nele, eu serei um com o mundo até ver  
 O ponto da emancipação



Porque eu descobri o segredo que me faz humano  
Já não está mais perdido o elo  
O amor é o segredo de tudo  
E eu pinto tudo em amarelo”  
(Principia - Emicida)

Nos reunimos em uma série de encontros, onde cada um de nós poderia conversar e escutar, também artesaniar. O convite era para artesaniar o pensamento, produzindo um objeto ou materialização, ao mesmo tempo em que escutássemos e nos conhecêssemos. Não escolhemos ou convidamos uma pessoa para falar sobre cada uma das temáticas de nossos encontros, mas sabíamos que entre nossos convidados estavam referências para o campo da educação especial e da saúde mental. Valorizamos o convite que enviamos, que era intransferível, segundo o alerta que compunha a correspondência e a mensagem que enviamos a cada um e a cada uma. Eram referências por seu perfil, história e vida. Os encontros aconteceram nos seguintes dias e com algumas das seguintes intenções:

14 de outubro de 2020 - Escuta sobre as possibilidades e os impactos da Arte em diálogo com a Saúde no enfrentamento à Pandemia de COVID-19

21 de outubro de 2020 - Arte e Saúde: o que foi produzido? O que você teceu? O que podemos tecer juntas, juntos, juntas?

28 de outubro de 2020 - Artesanias do trabalho e renda como aportes para a promoção de saúde

04 de novembro de 2020 - Possibilidades para o Entre Artesanias, manifesto e construções de Redes.

(Relatoria do Projeto Entre Artesania da Diferença - 02 de setembro de 2020).

Esta escrita de carta, poético-afetiva, reúne as minhas diferentes artesanias do pensamento, que foram cuidadosamente

transcritas, transformando-se em linhas, letras e texto. As fotografias, de autoria de Helena Estrela, foram produzidas a partir daquelas artesanias do pensamento, que foram modeladas com papéis, revistas, colagens, fios, lãs, caneta esferográfica e flores de plástico. Ao fotografar a autora, Helena, produziu uma ambiência, buscando cenários diferentes e contemporâneos ao processo de escrita final desta "Carta ao Entre", dia 14 de agosto de 2021. Ao final dos encontros síncronos no ano de 2020 o resultado dos encontros foi outro, diferente do que prevíamos e planejávamos como equipe. O conjunto, de dias de encontros e suas artesanias, foi envolvido por artigos, poesias, leituras, artes e artistas, muito diferente do planejamento inicial.

14 de outubro de 2020 - Escutas sobre as possibilidades de encontro na pandemia: um plantio de palavras e sensações.

21 de outubro de 2020 - Arte e Saúde: o que você teceu? O que podemos tecer?

28 de outubro de 2020 - Artesanias dos sonhos e dos afetos

04 de novembro de 2020 - Artesania das cartas

(Diário Narrativo da Autora - 18 de novembro de 2020).

### **[CARTA AO ENTRE]**

[Porto Alegre, 04/11/20]

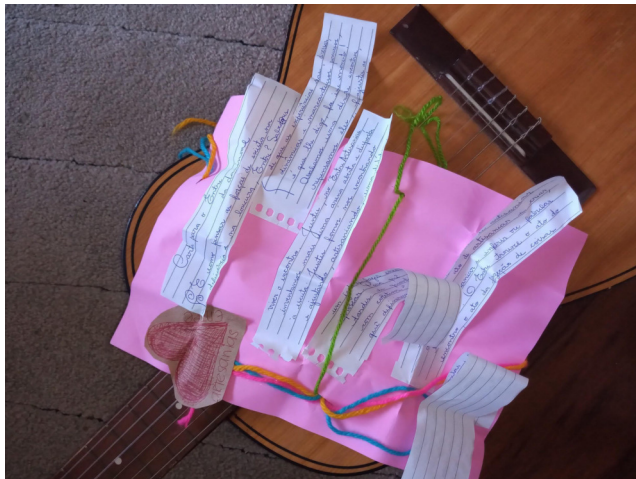
- E como pensar as forças de existir na deficiência e na loucura, Entre?

- Sabedores de que as experiências são múltiplas, diversas, dinâmicas e marcantes em nossos percursos, é que lhe digo, foi incrível este momento com o Entre e este coletivo!
- Avaliamos uma dinâmica de encontros, repensamos eles, fizemos ajustes, ao viver o encontro. Juntas, no Entre Artesanias, inventamos mais uma arena aberta e disposta à escuta. Juntas fomos nos encontrando e ajustando, artesanizando, uma didática, um jeito de fazer encontros para inventar e prosear.
- Para quê servirá, Entre?
- Para que tardes de quartas-feiras para artesanizar com coletivos sigam sendo implementadas? Para que tenhamos quartas-feiras para artesanizar com coletivos? Para onde iremos, e para quê definiremos?
- No meu caso, um momento em que não fui apenas ao encontro do ato de artesanizar ou interferir ou palestrar ou aular ou inferir ou fabular boas ideias.
- O Entre (modo abreviado de chamar o projeto de ensino, pesquisa e extensão) trouxe o ato do encontro online, o ato do encontro, o ato da fazeção de coisas individuais e coletivas, a fazeção de coisas bonitas: a conversação, a escutação, a aglomeração à distância.
- Que o Entre sirva para pensar aulas, para aulas online, para estágios, para atendimentos educacionais especializados, para atendimento pedagógico em saúde, para a educação e a saúde, para a educação em saúde, para as artes, para ateliers, para a vida vívida!
- Obrigada, Entre! Que a gente possa mexer com as possibilidades de artesanizar com corações e a potência de cada

um deles. Abraços Roda Gigante pra ti, Queride Entre, de Daninoal. ❤️



Imagens 1 e 2: Fotografias de autoria de Helena Estrela Noal Peres



Imagens 3 e 4: Fotografias de autoria de Helena Estrela Noal Peres

## **COMO TORNAR-SE PROFESSORA DAS ARTESANIAS EM MEIO A TANTA TECNOLOGIA E COM A COVID-19?**

recepcionar online; sorrir para as nossas câmeras e telas; receber um sorriso que está na tela; comover-se; encantar-se; conviver; confiar; retornar; assistir a gravação; voltar; querer estar Entre; coletivizar; buscar uma artesanias dos afetos; produzir uma artesanias dos afetos; ser parte de uma artesanias dos afetos para a educação e a saúde; uma artesanias dos afetos para a educação

especial e a pessoa com deficiência; uma artesanaria dos afetos para a saúde mental e o usuário de serviços de saúde mental; uma artesanaria dos afetos em meio à loucura e à deficiência; uma artesanaria dos sonhos para uma docência; uma artesanaria dos sonhos para um fazer em saúde;

cantarolar; lembrar; emocionar; tecer; livros; ética do brincar; tese; mágico de oz; artesanato; escola; professores; gravuras; potinho das palavras; pote inspiração; agulhas; na garganta; bispo do rosário; embora fofo, arte; fogo; poesia; basta!; SUS; iemanjá; doroty; literatura; mandarim; envelhecer; armazenar; encaixotar; as minhas coisas; guardar; inútil; liga de estudantes; bons encontros; tias; parecer-se COM e fugir; traduzir; relicário; coisas que ganhamos; gostar de bordar; medicina; artes; cores; bordados; telas; lápis; carretel; pinça; voz; fortes;

licenciatura; bordar; impressão; pastas; pastinhas; coraçãozinho; sementes; plantar; guardar a voz; melhores amigas; língua comum; dormir com coisas; dormir e acordar para dormir; andar em círculos; olhar pela janela; avistar ao longe a pandemia; encontrar COM; vestir-se bem para ficar em casa; batom; violão; reuni-se COM o Entre; feliz; talentosa; não saber ler; cantar; hipnotizada pelos colegas; monitoria; prazer; querida; paz; louças; cuidar-se; parar; colocar em uso; sobreposição de imagens; opera; música; parceira; vida; parceira de vida; Bahia; Manaus; humanização dos espaços; Porto Alegre; São Pedro; Tânia Fortuna; caixinhas; tocados; lacrimejar; chorar; emocionar; unir; seguir...

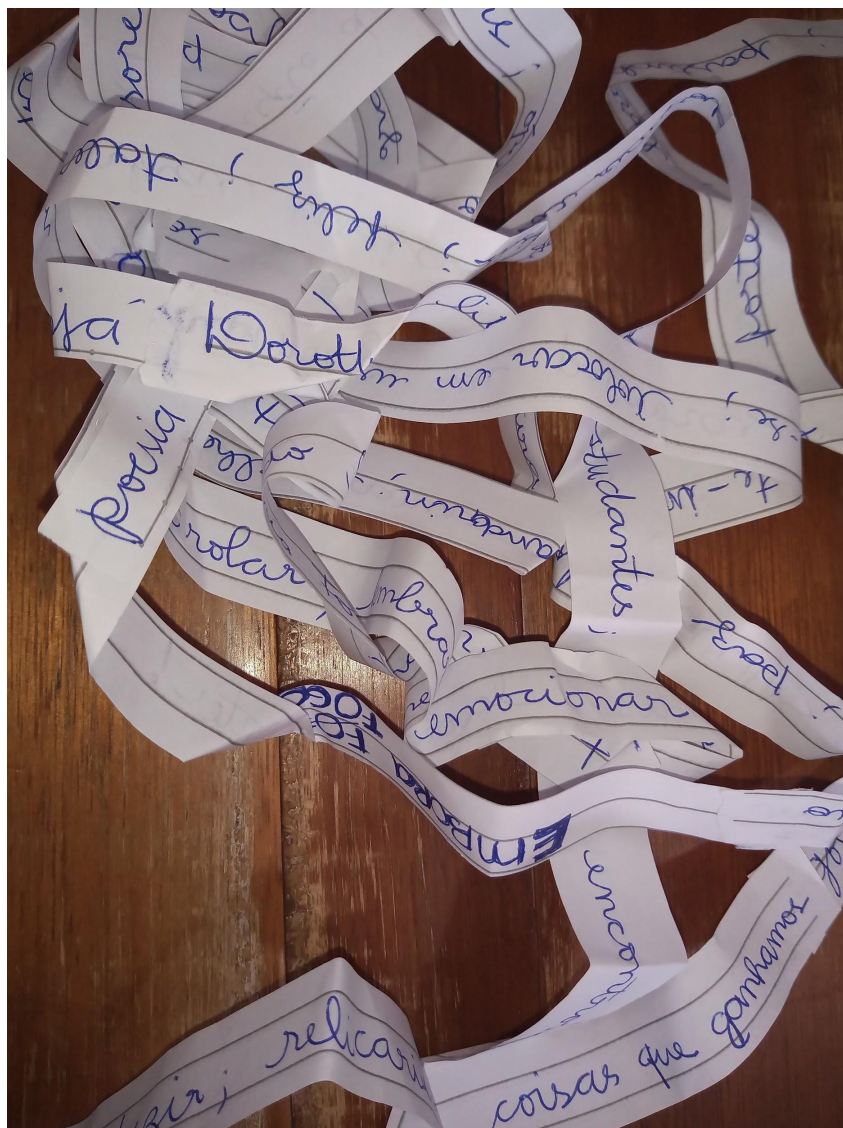


Imagem 5: Fotografias de autoria de Helena Estrela Noal Peres





Imagens 6, 7 e 8: Fotografias de autoria de Helena Estrela Noal Peres

## **ARTESANIA DOS SONHOS E DOS AFETOS EM MEIO A PANDEMIA DA COVID-19**

pandemia

chás

sensações

ciência

origem indígena

infância

a receita

arte

saúde

educação

material de artes

em torno

**quais são os sonhos possíveis?**

jardins

espaço de fala

feira

apoiador

fui fazendo

vamos?

trabalhar

saúde mental é criação

trans + mulheres + homens + criança + jovens + transpassar

o que é do lugar

o que tem um lugar

o que procura um lugar seguro para sonhar



*flores + jardins + recortes de revistas*

*flores + jardins + experiências para a vida*

*recortes*

*recortes de sonhos*

sonhos mirabolância somos

sonhos descanso temos direito

o que sonhamos somos

quais são os seus sonhos?

artesanaria dos sonhos em educação e em saúde

artesanaria do sonhar para expirar





Imagens 9 e 10: Fotografias de autoria de Helena Estrela Noal Peres

A pergunta seguirá reverberando, afinal, nem todo currículo é feito de poesia e tampouco uma pandemia nos faz *escriitapoesia*: como tornar-se professora das artesanias em meio a tanta tecnologia e com a covid-19?

### Referências

Cadore, Paula; Gai, Daniele Noal Gai et al. **Artesaniando possibilidades de acolhimento de Norte a Sul**: entre experiências pandêmicas na saúde e na educação. Revista Climacom. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/>. Acesso em 01 junho de 2021.

Emicida. **Principia**. Letra de Música. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/emicida/principia-part-fabiana-cozza-pas>

[toras-do-rosario-e-pastor-henrique-vieira/](#). Acesso em: 14 de agosto de 2021.

Emicida. **Principia. Vídeo Clipe de Música.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kjggvv0xM8Q>. Acesso em: 14 de agosto de 2021.

Gai, Daniele Noal; Matos, Aline Milena Castro et al. **Entre.Artesanias.** Rede Social para divulgação da Pesquisa e Extensão Entre Artesanais da Diferença| Faculdade de Educação da UFRGS/RS e UEA| Coordenado por um grupo de mulheres. Disponível em: <https://www.instagram.com/entre.artesanias/>. Acesso em 25 junho de 2021.

Gai, Daniele Noal; Matos, Aline Milena Castro. **Entre experiência e artes narrativas:** possibilidades de encontro remoto entre as estudantes do curso de licenciatura em pedagogias e as estudantes de licenciatura em artes visuais. In: IV Colóquio Docência e Diversidade na Educação Básica, 1 ed., 2021, Curitiba. : Brazil Publishing.

Gai, Daniele Noal; Matos, Aline Milena Castro. **Fernand Deligny. Artesanias da Diferença: Educação Especial. Saúde Mental. Artes.** In: Cartografias em (Des)encantados: (re)petições, (re) existências, afe(c)tos por ensinos-pesquisa-extensões. 1 ed, 2021, Curitiba: Editora CRV. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1KhMt2-0ah5FW\\_Kk\\_2-EQG8X74LyZ\\_1Jmo/view](https://drive.google.com/file/d/1KhMt2-0ah5FW_Kk_2-EQG8X74LyZ_1Jmo/view). Acesso em junho de 2021.

Matos, Aline Milena; Cadore, Paula; Gai, Daniele Noal Gai et al. **[Atelier] Caixola-relicário:** A palavra jogada. Bienal do Jogo e Educação #escutamor. Youtube, 04 dez. 2020. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=O6OqNJE0Yc8&list=PLjcIySC h2msHqAvbROxFB90DFBdRm-dae&index=>>> Acesso em: 10 jun. 2021.

Matos, Aline Milena; Cadore, Paula; Gai, Daniele Noal Gai et al.. **Entre Artesanias da Diferença.** Salão de Ensino Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Youtube: 1 set. 2020. 04min4seg. Disponível em: <<https://youtu.be/koC4E4U2WbQ>>. Acesso em 01 junho de 2021.

Matos, Aline Milena; Gai, Daniele Noal Gai. **Artesanias do Pensamento de mulher preta:** pedagoga, extensionista, pesquisadora em formação na Universidade Federal Do Rio Grande do Sul. In: Coletânea Profissão Docente na Educação Básica: memória, narrativas e docência [recurso eletrônico], 1 ed., 2021, Curitiba: Brazil Publishing.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus filhos por estarem juntos, ainda que cada um numa tela diferente, com suas aulas online, nesta pandemia e neste isolamento social: Frederico e Estrela, amo vocês! Agradeço ao meu corpo máquina de sonhar em educação. Agradeço imensamente e com carinho às Gurias, a Aline Matos, a Miriam Pavan, a Paula Cadore e a Sônia Lemos, que fizeram o Projeto Entre desse jeito que narrei aqui, no ano de 2020 e no ano de 2021.

## EXERCÍCIOS DE ESCUTA E DE ATENÇÃO NA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS

*Rosana Aparecida Fernandes  
José Menna Oliveira*

Sejam eles novecentos e noventa e cinco milhões e eu sozinho, são eles que estão errados, Lola, e sou eu que estou certo, porque sou o único a saber o que quero: não quero mais morrer.

Louis-Ferdinand Céline

Escutar o que as pessoas que andam pelas ruas falam, o que dizem os parentes, os velhos e as crianças sobre a pandemia e o isolamento. Escutar de longe, sem interferir, aproximar-se das vozes e anotar, esse é o exercício inicial. “Estou com saudades dos meus amigos, da vovó e do vovô, e vídeo nenhum acaba com a minha saudade”. “Quando será que vamos nos ver, minha filha?”. “Eu pensei que o coronavírus era como o mosquito da dengue, e que dava para destruir ele”. “Professora, não aguento mais olhar para as telas, estou cansada, sempre que posso fico longe do celular”. “Prof., será que as pessoas vão, algum dia, não ter mais medo de se aproximarem, não vão ter mais medo do contato físico com as outras?”. Escutar as vozes que se esforçam para discutir a pandemia de alguma forma, e buscar traçar mapas — que são sempre provisórios e a qualquer momento podem ser remanejados, revistos, sobrepostos — para acolher, transitar, acudir, planejar, propor uma política de cuidados, esse é o exercício seguinte.

### **Sala de Aula**

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens.

Hannah Arendt

Crianças, jovens, velhos, estamos todos envolvidos pela pandemia do novo coronavírus, intrincados, e seguindo o curso que a situação atual impõe. Muitas crenças e hábitos são postos em questão, são suspensos, diariamente. À nossa volta, localizamos imediatismos, e pressa para seguir adiante, mais reações do que respostas. A conjuntura insiste, requer uma pausa. Algumas instituições e pessoas brigam, discordam, duvidam das pesquisas, dos dados, do que dizem profissionais das ciências e da saúde, discorrem sobre a economia, e os efeitos do isolamento. Outras, afirmam o isolamento e os dados das ciências, mas se apressam em reagir, em inventar um modo de continuar, e correm. Escolas, faculdades e universidades não param, cada uma, ao seu modo, dá um jeito de não interromper as suas atividades. Alguns estudantes correm, outros aguardam as próximas determinações, uns sentem as implicações da solidão e do excesso das telas, muitos vivem a falta de condições, o medo, a ausência de recursos. Professoras e professores atendem demandas, muitos estão sobrecarregados, e tantos outros temem a perda do emprego, a redução salarial, e, em meio aos cuidados com a casa, os filhos e os seus velhos, se esforçam para realizar o trabalho remoto.

A situação é complexa e diversa, as realidades são muitas, precisamos olhar de frente o problema, não ter pressa para responder, mas, também, não recuar nem se retirar, porque quando uma situação como a que estamos vivendo se impõe, ela exige de

nós, ética e politicamente, um posicionamento responsivo, responsável. Juntos com Jacques Derrida (cf. 2011), afirmamos que reagir não é o mesmo que dar uma resposta. Responder é atender a um chamamento, é assumir uma responsabilidade ante o imperativo de uma ocorrência, de um indivíduo, ou de um problema. Quando temos uma ação, e uma reação que se segue, temos um circuito, e quanto menos distante está um ponto do outro, mais temos chances de agir de modo automatizado; quanto mais imediata a reação, provavelmente, menos exercício de pensamento há nesta relação, e menos criação.

Seguindo a premissa nietzschiana (cf. 1996) de adiar o juízo e não reagir imediatamente a um estímulo, e voltando-nos para escolas, docentes e estudantes perguntamos: uma vez o espaço-tempo *escola* estando interditado, o que subsiste nas/das relações escolares?; em quais cenários encontramos, mais facilmente, a redução das relações pedagógicas às relações conteudistas com o conhecimento?; de que modo se justifica a sobrecarga de atividades e a solidão que estão se materializando nas vidas de muitos estudantes?; o que será que teríamos em exercício se professoras e professores da educação básica estivessem liberados dos ditames dos superiores, pais e mães, e pudessem hesitar, optar, e questionar o que priorizar e como proceder neste momento?; por que ter aulas síncronas, por meio de computadores, "tablets" e "smartphones", todos os dias da semana, das 7h30min às 12h50min?, quais os efeitos dessa norma sobre os corpos das crianças, dos jovens e dos professores?, como posturas escolares, desde a educação infantil às universidades, adotando estes modelos, ganharam o nome de instituições de inovação tão rapidamente?; por que professores e professoras não são

“youtubers”, “influencers” ou editores de vídeo?, e por que “youtubers” não são professores?; o que se passa em uma sala de aula que não se passa entre uma tela e um indivíduo?

Queremos nos deter, também, na cena contemporânea que inclui as telas que trancam as imagens, o áudio que chega com mais atraso do que o esperado, a internet que cai, as crianças que interrompem a fala do professor e perguntam “qual página é mesmo, professor?”, “como é o 21, professor, é o 2 e o 1?”, “não enxerguei o desenho que o Lucas mostrou, professor, mostra de novo, Lucas”, e, com isso, as crianças explicitam, mais uma vez, as diferentes formas de temporalidades de uma aula. Uma aula, independentemente de ser online ou presencial, é constituída por temporalidades, curiosidades, perguntas, desejos, medos, forças, densidades, incompreensões, necessidades, frustrações, relações, durações, intensidades, silêncios, rupturas, confiança. E, podem tanto ser organizadas e efetuadas de modo afetivo, receptivo, horizontal, como podem ser conduzidas de forma autoritária, rígida, vertical.

A pandemia produziu uma interrupção nos esquemas e organizações vigentes nas escolas. Mas, até que ponto produziu uma interrupção nas práticas “bancárias” (cf. Freire, 1987) de lidar com o conhecimento, com os saberes e com os estudantes? O que pode ser opressivo nas formas discursivas atuais? A opressão, a sujeição e uma relação “bancária” com o conhecimento podem ser operadas em quaisquer plataformas, ambientes digitais ou analógicos. O que os estudantes estão fazendo nas aulas online? Estão copiando das telas, memorizando, cortando, colando, realizando inúmeras tarefas mecânicas? Importa-nos, aqui, olhar para o conceito de “educação bancária” e localizar as ressonâncias e



materialidades desse conceito nos dias de hoje, para não cair na armadilha de acreditar que ultrapassamos relações acríticas com os conhecimentos, passivas e da ordem da mera reprodução do Mesmo, apenas porque estamos trabalhando com computadores, “tablets”, “smartphones”, internet. “Porque eu posso pensar democraticamente sobre o ensinar, mas ser autoritário na minha prática de ensino. E isto acontece muito. Não é incomum que nosso discurso não tenha nada a ver com as nossas práticas” (Freire, 2009, p. 27).

Algumas escolas se ajustaram rapidamente e seguiram funcionando assim que a pandemia começou no Brasil, em março de 2020, sem problematizações, seguindo a mesma lógica mercantil de antes, que subjuga o ensinar, o aprender, o pensar. Outras escolas perceberam uma impossibilidade em prosseguir com o currículo anteriormente formulado, e optaram por fazer escolhas, selecionar conteúdos e textos, e decidiram reduzir, trabalhar com menos, porém, mais demoradamente. Algumas escolas e professores compreenderam a interrupção determinada pela pandemia como oportunidade para criar outras relações com o currículo, e ponderar a lógica que subordina a experiência escolar aos números, à quantidade, à rapidez.

Junto a isso, há uma proliferação de discursos que falam em “novo normal”, em “criar novos modos de convivência”, “novas formas de vida”. Nos interessa, justamente, diferenciar a nomeada inovação do conceito de novo. Temos que ter muito cuidado com o que está sendo chamado de novo. Há várias maneiras de perpetuar ideias, de reproduzir pensamentos dominantes, apenas dando “ares inovados” para eles.

É um equívoco considerar que são, seguramente, da ordem do novo as aulas online, bem como é uma ilusão julgar que esses mecanismos todos que estão sendo implantados através das tecnologias da informação e da comunicação são respostas, e ainda mais, que trazem, em si, respostas novas. Com Bergson (2005) aprendemos que o novo não é o que se opõe ao velho, é, sim, criação — de possibilidade, de realidade, de pensamento.

O novo não é um rearranjo de ideias antigas, não é calculável nem previsível. As nossas respostas às contingências atuais precisam ser criadas por nós, elas não existem simplesmente, e, ao mesmo tempo, ninguém está destinado a viver resignado ao acaso dos encontros, submetido às palavras de ordem, e às expressões dos poderes, tiranos, juízes, burocratas e todos aqueles que separam os indivíduos das potências deles, e do que eles podem fazer: “organizar bons encontros — eis o que, no entender de Spinoza, fundamentalmente se deve fazer, para que o acesso à libertação e a vivências de alegrias gozosas seja possível, tanto no domínio da Cidade como no domínio puramente individual” (Deleuze, 1970, p. 177).

## **Morte**

— O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não

é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço.

Italo Calvino

No dia 02 de setembro de 2020 morreu, em casa, uma professora argentina, de 46 anos, durante uma aula online. A professora vinha sofrendo com os sintomas da Covid-19 há semanas. Os alunos que acompanharam o desmaio da professora não tinham o endereço dela, e não puderam socorrê-la. Tentemos ultrapassar a dimensão de notícia do ocorrido, para problematizar a nossa contemporaneidade, e criar modos de resistência aos poderes que tentam incutir, em nós, culpa, resignação, e a ideia de que a vida é dura e pesada. A alegria e a solidariedade são revolucionárias. “A solidariedade tem que ser construída em nossos corpos, em nossos comportamentos, em nossas convicções” (Freire, 2009, p. 68).

Lendo Bruno Latour, no texto “Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise” (2020), texto escrito após o próprio Latour ser hospitalizado para tratamento da Covid-19, e pensando sobre o caso da professora argentina, muitos questionamentos são elaborados sobre as ideias de progresso valorizadas pelas sociedades em que vivemos, sobre o tempo de nossas vidas destinado ao trabalho, sobre as mudanças que desejamos efetuar em nossos cotidianos, sobre o amor, o cuidado, a necessidade de aprendermos a nos desconectar das redes, e ensinar nossas crianças e jovens o valor da desconexão, sobre nossas misérias, e a pobreza de nossas experiências (**cf.** Benjamin, 1994). E, nos perguntamos: como os currículos escolares estão lidando com a morte, como estão construindo lições, saberes?; quais narrativas estão sendo produzidas para abordar a morte?; que histórias estão sendo contadas?; e, o que teríamos se o currículo contasse

histórias, “acendesse as fogueiras” das narrativas de antepassados, contasse vozes de outros tempos, de outros países, de indígenas, africanos, os velhos que narram, as histórias, os provérbios, os rituais, as festas, o fogo, as plantações, os temperos, as comidas, as línguas, as danças, os funerais.

Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? (Benjamin, 1994, p. 114).

Em “O Decamerão”, Giovanni Boccaccio, fala de como foi se extinguindo o costume de reunir parentes e amigos na casa dos mortos nos tempos da peste de 1348. Ele descreve como os corpos passaram a cair pelas ruas de Florença, largados, sem cerimônias, sem choros, sem testemunhas.

O tratamento dispensado à gente mais modesta, e a grande parte dos elementos da classe média, se imbuía de muito maior miséria. Esta gente, em sua maior parte, era retida nas respectivas residências, seja pela esperança, seja pela pobreza. Permanecendo assim nas vizinhanças dos enfermos e dos mortos, os sobreviventes adoeciam aos milhares por dia; e, não sendo cuidados, nem ajudados, fosse lá no que fosse, todos eles morriam, quase sem redenção. Inúmeros eram os que terminavam os dias na via pública, de dia ou de noite. (Boccaccio, 2018, p. 35-36).

À morte seguem-se alguns medos, mistérios, lendas, mas, também, a constituição de rituais, de uma vigília, de um enterro, de preparativos e formulações, que cumprem diversas funções, tanto para aqueles que ficam, quanto para o morto. Pouco tempo antes da

pandemia, Han (2020) sinalizava para o desaparecimento dos rituais na vida contemporânea, como algo associado à pressão pela produtividade, à hiperconexão e à virtualidade. Os rituais, dado seu caráter de repetição e sua relação com o simbólico, teriam função de estabilizar a vida, conferindo-lhe duração:

Según el mito que Aristófanes relata en el diálogo platónico *El banquete*, el hombre era originalmente un ser esférico con dos rostros y cuatro piernas. Como era demasiado arrogante, Zeus lo partió en dos mitades para debilitarlo. Desde entonces el hombre es un *symbolon* que añora su otra mitad, una totalidad que lo sane y lo salve. “Juntar” se dice en griego *symbállein*. Los rituales son también una praxis simbólica, una praxis de *symbállein*, en la medida en que juntan a los hombres y engendran una alianza, una totalidad, una comunidad. (Han, 2020, n.p).

A pandemia do novo coronavírus associa-se a uma interferência sobre alguns dos mais primitivos rituais humanos, quais sejam aqueles relacionados ao luto — velar e enterrar nossos mortos, estarmos próximos de nossos entes queridos no leito de morte. O isolamento social elimina de nosso repertório cotidiano uma série de atividades que têm, também, componentes ritualísticos. E, nesse sentido, Agamben sinaliza uma preocupação com o futuro próximo:

Assim como as guerras deixaram de herança à paz uma série de tecnologias nefastas, dos arames farpados às centrais nucleares, também é muito provável que se tente dar continuidade, mesmo após a emergência sanitária, aos experimentos que antes os governos não conseguiam realizar: que universidades e escolas sejam fechadas e que se deem somente aulas online, que cessem finalmente os encontros e as conversas por razões políticas ou culturais e que haja apenas troca de mensagens digitais, que onde quer que seja possível as máquinas substituam todo contato

— todo contágio — entre os seres humanos.  
(Agamben, 2020, s.p).

Os corpos que hoje, na pandemia do novo coronavírus, morrem, adoecem, se confinam, reverberam muitas das questões expostas acima, das relações que cada um de nós tem com tradições, rituais e culturas, da ética, e do desprezo pelos pobres. Se, por um lado, muitos de nós encontram-se problematizando hábitos, posturas e posições que não nos servem mais; por outro lado, há o desejo por narrativas ancestrais, por histórias que nos apresentem modos de ver e pensar o que estamos vivendo.

Como dizer, na própria língua, eu morro, minha mãe morre, meu amigo morre? Cuidar da morte é, também, cuidar da despedida, dos recomeços, e acolher o que cada corpo sente e vive quando alguém parte. Cuidar da morte é cuidar da vida que continua, que sente a ausência, mas persevera.

## **Vida**

Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volume reduzidos.

Gilles Deleuze

A palavra, no modo que a experimentamos habitualmente, cumpre, sobretudo, a função da comunicação; e proporciona pouco a experiência das histórias contadas, narradas, vividas, o exercício da escuta, os aprendizados que vêm de distintos lugares e tempos.

Quem teve avós e conviveu com eles talvez lembre das histórias de domingo à tarde, à notinha, histórias que surgiam quando a família estava reunida, histórias de viagens, moradias, percursos, desafios, mortes, casamentos, fracassos, retornos, idas, onças, novos empreendimentos, fantasmas, maldições, nascimentos, brigas, histórias contadas uma, duas, dez, muitas vezes, incansavelmente.

Devido à carência do simbólico e do ritualístico, predomina hoje no mundo uma comunicação sem comunidade (Han, 2020). A vida do dia a dia carece de narrativas, ritmos, entonações que contam histórias. Talvez, aspectos das novas formas de vida, tão requeridas na atualidade, possam priorizar outras relações com a palavra. Talvez, nossos currículos escolares possam apresentar mais poemas, cantos, histórias. Serlo, em “Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister”, de Goethe, propunha: “Deveríamos — dizia ele — diariamente ouvir ao menos uma pequena canção, ler um belo poema, admirar um quadro magnífico, e, se possível, pronunciar algumas palavras sensatas” (Goethe, 2009, p. 279).

Cuidar da vida, dos modos de viver, dos hábitos, dos rituais cotidianos, aproximar-se das coisas pequenas e diárias que te fazem bem, e dedicar mais tempo de vida para elas. Acordar, se espreguiçar, cuidar desde os gestos e ritos mais simples aos mais complexos. Escutar o que faz sentido. Perguntar-se pela verdade que há aqui e ali, e identificar os rituais frequentes que alimentam a vida... Não seguir no automático. Interromper o que não fortalece. Desligar-se do que te mata todos os dias um pouquinho.

## **Saúde**

Qual saúde bastaria para libertar a vida em toda parte onde esteja

aprisionada pelo homem e no homem,  
pelos organismos e gêneses e no  
interior deles?

Gilles Deleuze

Com a pandemia da Covid-19 as crianças foram subitamente privadas do convívio social — em poucos dias deixaram de frequentar a escola, de encontrar os amigos que viam diariamente, e os professores e funcionários que lhes ofereciam referenciais de comportamento, de rotina e de repertórios. As crianças viram-se privadas de toda experiência exterior ao círculo de sua residência, onde desenvolviam estratégias de estar no mundo.

O isolamento social e o confinamento durante a pandemia podem trazer importantes consequências para a saúde mental das crianças. Estudos variados (ver, por exemplo: Hoven et al., 2005; Jiao et al., 2020) demonstram que em situações de adversidade são comuns o surgimento de ansiedade, depressão, letargia, interação social prejudicada, além de prejuízos no sistema imunológico. Já foi demonstrado que em outras pandemias, crianças isoladas ou submetidas à quarentena, tinham maior probabilidade de desenvolver transtorno de estresse agudo e transtornos de ajustamento (Sprang e Silman, 2013). Em um estudo de revisão, observou-se que a quarentena predispõe a variações de humor, humor deprimido e irritabilidade (Brooks et al., 2020).

É provável que as crianças sejam a população mais vulnerável aos impactos psicológicos do isolamento social. Dados preliminares coletados entre crianças e adolescentes em isolamento social durante a pandemia da Covid-19 identificam fenômenos como tendência a ficarem “agarrados” aos familiares, irritabilidade e medo de realizar perguntas a respeito da pandemia (Jiao et al, 2020).



Em uma pequena investigação conduzida por nós na cidade de Porto Alegre, enviamos por whatsapp três perguntas a familiares de crianças em idade escolar: “qual a idade da criança que mora com você?”; “você observou alguma alteração no comportamento da criança durante a pandemia?, em caso afirmativo, qual foi a alteração que mais lhe chamou atenção?”; “das estratégias que você tem utilizado para auxiliar a criança em eventuais dificuldades emocionais neste período, qual tem tido melhor resultado?” Até o momento temos uma amostra muito pequena de crianças (n=10), com idades entre 6 e 9 anos. Contudo, chama a atenção o fato de que a quase totalidade (n=9) dos adultos entrevistados identifica nas crianças alterações de comportamento, que incluem irritabilidade, agressividade, crises de choro ou “manha”, baixa tolerância a frustração, aumento no uso de dispositivos eletrônicos e desenvolvimento de tiques. As estratégias consideradas mais efetivas para lidar com as dificuldades incluem: conversar, propor brincadeiras, flexibilizar limites, alternância entre ambientes, e retomada de rotina e regras.

Em um documento publicado em 27 de fevereiro pela Organização Mundial da Saúde, a respeito de considerações para saúde mental durante a pandemia, observam-se quatro recomendações direcionadas às crianças: auxiliá-las a que encontrem caminhos positivos para expressar sentimentos de medo e tristeza; procurar manter as crianças próximas de seus pais e família, e, sendo necessário uma separação (por exemplo, devido a uma hospitalização), que se assegure possibilidade de contato por dispositivos de mídia; manter as rotinas familiares tanto quanto possível, criando novas rotinas quando possível; e conversar abertamente sobre a pandemia (OMS, 2020).

Encontramos, na literatura, relatos de intervenções e sugestões que potencialmente contribuiriam para manter a saúde mental de crianças em contextos de isolamento. Isso inclui, por exemplo, um cuidado para não sobrecarregar os estudantes e aproveitar as plataformas online para educação sobre um estilo de vida saudável e acesso a programas de apoio psicossocial, com vídeos, por exemplo motivando crianças a aumentarem as atividades físicas, manterem uma dieta balanceada, um padrão de sono regular e uma boa higiene pessoal (Wang et al., 2020). Em um estudo, entretenimento através de mídia eletrônica foi utilizado com sucesso pelos familiares, sobrepujando a atividade física e a leitura como meios de aliviar o estresse das crianças (Jiao et al., 2020). Estes autores recomendam ainda cuidados com dificuldades de sono e pesadelos, prevenção de sono diurno e realização de higiene do sono além de métodos de relaxamento, modelando uma atitude psicológica positiva para reduzir estresse e desviar atenção para direções mais produtivas (Jiao et al., 2020).

Contudo, em meio a tais prescrições, nos perguntamos quais proposições são efetiváveis em nossas vidas, estão ao nosso alcance, e podem ser experienciadas por nós?; o que fazer com as demais?; como cuidar da ansiedade e da frustração, da sensação de fracasso, cada vez que percebemos que umas e outras orientações não se ajustam com a nossa realidade?; o que priorizar?; como trabalhar remotamente e cuidar da própria saúde, da casa, da família?; e, ainda: pode o currículo considerar o impacto do distanciamento social na saúde mental das crianças?

A integração de programas de saúde ao currículo escolar é frequente e crescente. Bullying, síndrome de burnout, transtorno de déficit de atenção com hiperatividade, ansiedade, depressão,

alimentação saudável e prevenção da obesidade na idade escolar são temáticas familiares aos profissionais da educação (Woke e Lereya, 2015; Bianchi et al., 2015), e são, habitualmente, incorporadas ao currículo escolar, através da pedagogia de projetos, da interdisciplinaridade, da transversalidade e intersetorialidade.

Currículo são os nossos percursos e tudo que vai atravessando e compondo os nossos trajetos, os devires, as experimentações, os desejos, é tudo que vai nos constituindo, é compreender o que nos fortalece e o que nos enfraquece, o que gera saúde. Currículo são as relações, os vínculos, as conexões e as desconexões que estabelecemos. Currículo é vida. Currículo é movimento. Currículo não é corrida — como nos ensinou nosso querido Tomaz Tadeu (2002) —, pode ser pista de corrida, caminho, trajetória, mas não é corrida. Que os programas de saúde, yoga, meditação, etc., possam nos ajudar a suspender a lógica da produtividade que, a cada dia, adoce nossos corpos nas escolas, nos apequena e nos enfraquece. Que a saúde seja promoção de vida, produção de desejo, criação.

## **Referências**

AGAMBEN, Giorgio. Esclarecimentos. In: \_\_\_\_\_ **Reflexões sobre a Peste**. Boitempo Editorial, 2020.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGSON, Henri. **A evolução criadora**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BIANCHI, Renzo; SCHONFELD, Irvin Sam; LAURENT, Eric. Burnout-depression overlap: a review. **Clin Psychol Rev**, 2015;36:28-41.

BOCCACCIO, Giovanni. **O Decamerão**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BROOKS, Samantha K; WEBSTER, Rebecca K; SMITH, Louise E; WOODLAND, Lisa; WESSELY, Simon; GREENBERG, Neil; RUBIN, Gideon James. The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. **Lancet**, 2020 Mar 14;395(10227):912-920.

DELEUZE, Gilles. **Espinoza e os signos**. Porto: Rés, 1970.

DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou**: (a seguir). São Paulo: Editora Unesp, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da solidariedade**: América Latina e educação popular. São Paulo: Villa das Letras, 2009.

GOETHE, Johann Wolfgang. **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister**. São Paulo: Editora 34, 2009.

HAN, Byung-Chul. **La desaparición de los rituales**. Una topología del presente. Barcelona: Herder Editorial, 2020.

HOVEN, Christina W; DUARTE, Cristiane S; LUCAS, Christopher P; WU, Ping; MANDELL, Donald J; GOODWIN, Renee D; COHEN, Michael; BALABAN, Victor; WOODRUFF, Bradley A; BIN, Fan; MUSA, George J; MEI, Lori; CANTOR, Pamela A; ABER, Lawrence; COHEN, Patricia; SUSSER, Ezra. Psychopathology among New York city public school children 6 months after September 11. *Arch Gen Psychiatry* 2005 May;62(5):545-52.

JIAO, W. Y., WANG, L. N., LIU, J., FANG, S. F., JIAO, F. Y., PETTOELLO-MANTOVANI, M., & SOMEKH, E. (2020). **Behavioral and emotional disorders in children during the COVID-19 epidemic**. *The Journal of Pediatrics* 2000; 221: 264-266.

LATOUR, Bruno. **Onde aterrar?** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Crepúsculo dos Ídolos**. Lisboa: Guimarães Editores, 1996.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD (OMS). **Mental Health and Psychosocial Considerations During COVID-19 Outbreak**. 27 de febrero de 2020, versión 1.4.


SPRANG, G; SILMAN, M. Posttraumatic stress disorder in parents and youth after healthrelated disasters. **Disaster Med Public Health Prep** 2013; 7: 105–10.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

WANG, Guanghai; ZHANG, Yunting; ZHAO, Jin; ZHANG, Jun; JIANG, Fan. Mitigate the effects of home confinement on children during the COVID-19 outbreak. **Lancet** 2020 Mar 21;395(10228):945-947.

WOKE, Dieter; LEREYA, Suzet Tanya. Long-term effects of bullying. **Arch Dis Child**, 2015 Sep;100(9):879-85.

# #5

A large, irregular watercolor splash in shades of purple and blue, centered on the page. The splash has a soft, textured appearance with various tones of purple, from light lavender to deep violet, and some darker blue accents. The edges are soft and feathered, with some darker spots and drips extending downwards and to the left.

**Entre experiências  
pandêmicas e possíveis  
modos de existir**

## **SOBRE UM *ENTRE* POSSÍVEL**

*Janaína Oliveira Steiger  
Letícia Dalla Costa  
Elisandro Rodrigues*

*Residência Multiprofissional em Saúde do  
Grupo Hospitalar Conceição  
Porto Alegre, inverno de 2021 - ainda em tempos pandêmicos*

*Queridas Janaína e Letícia*

Inicio essa carta com esse substantivo feminino me lembrando das cartas que Deleuze escreveu. Escrever missivas, para mim, é como se colocar em movimento de lembrar. Lembrar o que dizer. O que contar. Sabem que nunca escrevi uma carta endereçada a duas pessoas ao mesmo tempo. Parece uma escrita *entre*. Uma escrita destinada a não chegar em um dos destinos. Mas um *entre possível*.

Recordei de uma passagem onde Deleuze comenta sobre o *lance de dados*, ele diz que não há regras preexistentes e que cada lance inventa suas regras, carrega consigo suas próprias regras. E a cada jogada existe um "n" de possibilidades que vai se ramificando sendo que cada lance emite suas próprias singularidades, os pontos sobre os dados, vai montando, desmontando e remontando a todo o momento singularidades e constelações.

Essa questão do lance de dados surge nessa conversa por causa desse *entre possível*, ao escrever isso, recordei de Mallarmé que me fez recordar de Deleuze. É em um poema de Mallarmé que Deleuze vai pensar essas multiplicações de singularidades com o lance de dados. Escreve Mallarmé "*un coup de dés jamais n'abolira le hasard*", algo como "o lance de dados jamais abolirá o acaso".



Escrever uma carta é como lançar um dado que se ramifica, que vai se conectando com outras raízes-lembranças. Que vai se tramando nesse *entre* da memória.

Gostaria de lançar esse dado para vocês para pensarmos conjuntamente. Sei que vocês gostam de escrever cartas. Gostam de pensar escrevendo. Proponho essa conversação *entre*(cortada), que se ramifica, feita de pequenos fragmentos. E proponho uma pergunta para pensarmos, uma pergunta que se faz cartografia no que vocês vem escrevendo: *é possível criar um entre comum na escrita?*

Abraços,

Elisandro

---

Porto Alegre, madrugada gelada de 2021.

Querido Elisandro e querida Letícia,

Dentre outras leituras, eu quase adormecia quando tua carta chegou. As palavras despertaram. As cartas tem isso de convocar algo de íntimo e que leva à conexão, né? Decidi não deixar adormecer o ímpeto de responder - quantas palavras já não ficaram em sonho, entre o sentir e o escrever? Dessa vez, não. Escolhi trazer um pouco desse estado de sonhar para a minha carta, tomada de sonolência feita de possíveis oníricos, mas também de um cansaço do cotidiano, da realidade que dificulta o sonhar acordada. Também tem sido difícil pra vocês?

Realmente, inusitado receber uma carta que não é só a mim endereçada, ou ainda escrever com duplo destinatário. Será que isso seria possível se fosse escrita à mão? Escrever duas vias, exatamente iguais? Impossível, acredito (e espero). Vejo como uma das mais bonitas facetas de uma carta a escrita a uma só vez, em via única. A carta vai. Resta a memória, quem sabe um rascunho. E só.

Nostalgia à parte, muito cabe também nas cartas virtuais. Cabe essa maior leveza na construção das frases, com linguagem que aproxima, que tem a voz de quem escreve. Conseguem me escutar? Eu agora quase escuto Bell Hooks, quando ela defende o efeito político de uma linguagem acessível, que quer ser entendida, mas não por isso é menos complexa e rigorosa. Será, assim, mais próxima, como uma boa carta consegue fazer melhor do que qualquer outro formato de escrita. Ela convoca à aproximação, como a um sussurro e confidência, em contraponto ao distanciamento muitas vezes provocado pelos escritos prolixos e eloquentes como tivessem sido manuscritos e proferidos em salas de aula brancas (em parede e pele). “Um monte de palavra junta que não diz nada”, como recentemente comentou sábio usuário de um serviço de saúde mental.

Gosto dessa imagem do sussurro, das(es) autoras(es) que fazem companhia em nossos processos de escrita, a falar em nossos ouvidos, onde talvez habitem. No corpo. E a quem lê, quando não consegue acompanhar o telefone sem fio (mas com linha!), pode ainda imaginar a mão que escreve, como propõe Blanchot. Para ele, é no momento que essa imaginação é possível, que o corpo que escreve se coloca, em que a leitura torna-se tarefa séria.

Fiquei pensando, é engraçado isso, né? De tarefa séria. Antes mesmo eu falava de leveza, talvez soe contraditório. Mas talvez possa dialogar com a ideia de rigor de que falei antes, proposta pela Bell Hooks, assim como a função política e libertadora da escrita que a autora coloca em evidência. Não é qualquer corpo que escreve. Nessa troca, são três.

O meu, nesse momento, pede descanso. Não está fácil escrever atualmente. O mundo desmoronando lá fora e a gente aqui, escrevendo sobre cartas? Sim, muitos *de/les* cantariam vitória caso parássemos de fazê-lo. Não sei vocês mas, muitas vezes, é isso que torna possível sair.

Para finalizar, peço desculpas de antemão. Não sei se respondi à tua questão, Elisandro. Ou melhor, não sei se segui o fluxo de pensamento-escrita que tu imaginaste. Mas acredito que a troca de cartas o tempo nos coloca, também, diante dessa outra relação com o tempo e com a expectativa. É claro, não é uma carta escrita à mão e colocada no correio à mercê de envio mediado e incerto, mas tampouco se assemelha a outros escritos virtuais instantâneos. O que ocorre *entre* uma carta e outra? O que se perde *entre* o que se espera e o que chega? O hiato se coloca. Distância. Aproxima. Espero.

Um grande abraço,  
Janaína

---

Porto Alegre, 06 de Julho de 2021

Para Elisandro e Janaína.

Como estão? Sabem, desde antes de receber as cartas de vocês, quando o Elisandro compartilhou a proposta dessas correspondências, eu fiquei contente. Tanto porque sou meio raposa do Pequeno Príncipe (do tipo: "se tu vens às 16h, eu começo a ficar feliz às 15h...") quanto porque se trata de...cartas! O que está implicado em trocar correspondências, hoje, para que causem este efeito?

Talvez a busca por encontrar um *entre*, como tu disseste, Elisandro - entre nossas tantas dissonâncias, em tempos de isolamento, parece uma procura importante. Quem sabe a brincadeira que mistura sonho, conexão e sensibilidade, como tu escreveste, Jana.

Acrescento mais uma hipótese para pensar, em especial, isso que me pareceu um "efeito-Pequeno-Príncipe-carteiro" (e carta-gráfico?). Receber e escrever cartas me atravessa a partir da lembrança que, apesar da sólida matriz de pensamento neoliberal que incide em nossas subjetividades, há o que sempre fugirá à onipotência ilusória do *self made man*. Existe algo que sempre dependerá do que é da ordem da relação, da espera, da posição do(a) outro(a). Parece-me que, em tempos de *Spotify*, tenho ouvido com frequência amigas relatarem a saudade de escutar músicas nas rádios tradicionais. E enfatizam: aquelas que nos surpreendem, que nos deixam uma margem para a espera. Autonomia, liberdade, praticidade, conforto: é possível construí-las sem a inscrição de um(a) outro(a)? O que temos construído ao desconsiderar a dimensão do(a) outro(a), daquilo que eu não sei, em nosso

cotidiano - das relações mais íntimas aos projetos políticos para a coletividade?

Nesta epístola, permito-me referenciar apenas literatura, que me remete à possibilidade de viver outras vidas e sonhar com outros mundos (im)possíveis. Então, acompanho Valter Hugo Mãe: o encanto é a única cura possível para a inevitável tristeza. Que os efeitos-Pequeno-Príncipe-carteiro se expandam, nos surpreendam. E sobre a tua questão final, Jana: encantar-se com o entre e o brincar também é resistir, também é sonhar acordada.

AbraSUS,

Letícia.

---

Porto Alegre, entre 6 - 7 de Julho.

Querides,

É um encanto com frio na barriga dar continuidade a essas correspondências. Me permiti passar na tua frente, Elisandro, espero que entenda. Ocorre que me senti convocada pelo que tu trazes da Literatura, Lê. E existe algo mais íntimo e próximo do que ela?

Não quero abusar das citações, sei que às vezes elas podem cansar e, inclusive, acabar distanciando e tornando o texto menos fluido. No entanto, que Elena Ferrante acaba de soprar aqui, ao pé do ouvido, que “um verso vale mais que mil leituras pesadas.” (pg. 160), referindo-se à poesia, mas abrangendo a escrita de histórias e a ficção para juntas habitarem esse *entre* da diferença. E do

comum? Ela segue: “as razões poéticas não são mariposas com asas transparentes. Elas têm carne e sangue, paixões, sentimentos complexos: a poesia é remexer no próprio ventre com movimentos nunca previsíveis”.

Letícia, tua carta também me fez pensar na relação de alteridade e, ao mesmo tempo, coletividade que essa troca epistolar permite. Já escrevemos juntos(as) antes, também uma carta, mas em texto único, mosaico de frases, palavras e ideias costuradas sem distinção de autoria. Dessa vez foi diferente. Aqui temos preservados os fragmentos, as formas singulares de cada um(a) escrever, evidenciando a reverberação da carta do/no outro e a imprevisibilidade do encontro com o que não se sabe como vai continuar. Sem correções, adições ou subtrações de outrem, mas cada uma carregando em si o efeito da que antes veio. E da que virá.

Cada carta uma

Cada carta parte

Carta parte

ao meio

Meio fica

Meio foi

A carta acaba

parte

e vai.

Jana

---

Porto Alegre, das escritas pela manhã

Jana e Lêh,

Alegria é a palavra que escolho para iniciar essa missiva. Alegria de ler essas linhas escritas por vocês. De compartilhar um momento conjuntamente, mesmo que nesse espaço retangular e virtual do papel. É um espaço-tempo anacrônico de escrita e pensamento.

Me lembrei, ao ler as cartas de vocês, de uma passagem da Marília Garcia, no Parque das Ruínas, onde ela diz que a leitura, e penso que a escrita, é um jogo de escala: "é preciso se aproximar a ponto de perder o todo, mas outras vezes é preciso se afastar muito do texto". E em outra passagem diz "leva tempo aprender como fazer".

Tempo foi uma das palavras que me chamou a atenção nas cartas de vocês. A Letícia fala do tempo, de um tempo de espera, de chegada, de partida. A Janaína se pergunta de um tempo *entre* uma carta e outra, do que se perde e, quem sabe, do que se encontra.

Parece que vivemos, nesses tempos pandêmicos, em um tempo que é *entre* onde tudo e nada acontece. Como se seguissemos um fio único e maleável em um acordar e dormir onde os dias escorrem como areia. Recordo-me de um poema, muito conhecido, da Viviane Mosé, que diz sobre o tempo: "Quem tem olhos pra ver o tempo/ soprando sulcos na pele/ soprando sulcos na pele/ soprando sulcos?".

Seria o *entre* um sulco por onde se infiltra pensamentos em palavras e imagens?

Não sei, mas compartilho do que Viviane diz nesse poema, “ando exercendo instante (acho que ganhei presença)”. E é presença que ganhamos, penso todas nós, ao usar a literatura. E que bom que comentaste isso Letícia. E penso que isso pode ter consonância com minha pergunta inicial - *é possível criar um entre comum na escrita?* - poderia ser esse *entre comum* a literatura (aqui colocando todas as formas e maneiras de pensar a literatura e também as artes)?

Fico por aqui, abrindo frestas no tempo.

Um grande abraço para vocês.

E.

---

Porto Alegre, 07 de Julho de 2021

Elisandro e Jana,

Hoje estou envolta em outro tempo, o tempo das férias. Um tempo em que as temporalidades que se afastam da pressa estão autorizadas. Será por isso que deixo emergir encanto e arte? Será esse o tempo propício às cartas? Não sei, mas imagino que urja a necessidade de encontrar frestas e sulcos, como traz o Elisandro, para encantamento e artesanaria também na temporalidade cotidiana.

Reconheço a potência do experimento de nossas correspondências e penso: o que pode a escrita em uma estética epistolar (definida espontaneamente, aqui, como estética em que a



existência abarca uma dimensão sensível, considere outros modos de vida, acolhe esperas e partidas com menos apego ao que é automático e hegemônico e é composta em meio à arte)?

Durante nosso breve compartilhamento de cartas, aguardei curiosa, despertei sorrisos nas chegadas e inquietei-me com as perguntas lançadas em meio às nossas palavras. E se essas possibilidades me ocorrerem, entendo que falamos aqui de vida que pulsa resistindo a um cenário pandêmico. Portanto, falamos de saúde, de certa tecnologia em saúde, certo?

Para além das afetações que afirmam a vida envolvidas nesse processo, acompanho Peter Pál Pelbart quando fala que a resistência hoje passa por abandonar a noção de um comum universal e considerar a experimentação para descobrir novos possíveis na singularidade de cada encontro. O que me traz um paradoxo, pois gostaria de recomendar o processo de *escrita de cartas enquanto dispositivo em saúde*, como forma de subversão às escritas duras da academia, aos automatismos da vida. Mas não posso. Não podemos. Nosso *entre* é composto por arte e sensibilidade, por espera e frio na barriga, como diz a Jana. Mas anunciar como receita de bem-estar estes elementos seria uma contradição diante daquilo que é tão caro aos mesmos: busca, intimidade, criatividade, tempos diferenciados. Seria paradoxal aquilo que apontou Deleuze, com a voz/dígito do Elisandro, quando fala das multiplicações de singularidades com o lance de dados.

Despeço-me compartilhando um pouco de Ana Martins Marques em um poema publicado na Revista Pessoa em 2018 . Ao falar sobre a escrita, ela me remete à sensibilidade, procura e invenção - preciosos no nosso processo coletivo de missivas. E forjo um encontro entre Ana e Bell Hooks que, como disse a Jana,

ênfatiza a importância do acessível na escrita para tais construções:

(...)

*(meus únicos heróis  
são os tradutores)*

ou pouco importa a língua  
mas o dizer as coisas  
que ao serem ditas  
extinguem-se  
mas com que fulgor

*(escrever poemas:  
não se contentar com as línguas que se sabe  
nem mesmo com as línguas que há)*

as línguas são meios  
de viagem, são meios  
de transporte as palavras:  
carrega consigo o camelo o arranha-céu  
a baleia  
não só a baleia  
todas as baleias  
não só o amor  
todo o amor”

AbraSUS,  
Leticia

## CARTA AO ENTRE ARTESANIAS

*Luísa Copetti*

Porto Alegre, 04 de novembro de 2020.

### ***A Fábula-mito do cuidado***

Certo dia, ao atravessar um rio, *Cuidado* viu um pedaço de barro. Logo teve uma ideia inspirada. Tomou um pouco de barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava o que havia feito, apareceu Júpiter.

*Cuidado* pediu-lhe que soprasse o espírito nele. O que Júpiter fez de bom grado.

Quando, porém, *Cuidado* quis dar nome a criatura que havia moldado, Júpiter o proibiu. Exigiu que fosse imposto o seu nome.

Enquanto Júpiter e *Cuidado* discutiam, surgiu, de repente, a Terra. Quis também ela conferir seu nome à criatura, pois fora feita de barro, material corpo da Terra. Originou-se então uma discussão generalizada.

De comum acordo pediram a Saturno que funcionasse como árbitro. Este tomou a seguinte decisão que pareceu justa:

“Você, Júpiter, deu-lhe o espírito; receberá, pois, de volta este espírito por ocasião da morte dessa criatura.

Você, Terra, deu-lhe o corpo; receberá, portanto, de volta o seu corpo quando essa criatura morrer.

Mas como você, *Cuidado*, foi quem, por primeiro, moldou a criatura, ficará sob seus cuidados enquanto ela viver.

E uma vez que entre vocês há acalorada discussão acerca do nome, decido eu: esta criatura será chamada homem, isto é, feita de húmus, que significa terra fértil”.

Texto extraído do Livro "Saber Cuidar", de Leonardo Boff (Editora Vozes, 2015), o texto latino é acessível em "Ser e Tempo", de Martin Heidegger (Editora Vozes, 1989).

### ***Entre Artesanias***

Entre eu, entre nós, entre momentos, entre sentimentos, entre realidades, entre universos, entre tempos.

Dias que nos reinventamos, que nos reconhecemos, que nos conhecemos.

Onde estamos?

Que lugar é esse que nos encontramos em nossas versões reais e nossa versões virtuais.

Agradeço esse tempo de escuta, esse tempo de acolhimento, esse tempo de conhecimento, esse tempo de cuidado.

Nesses dias me despeço de algumas partes de mim, nesses dias me despeço de alguns momentos em mim, nesses dias me despeço dos nossos momentos.

Um fim que é sempre um começo. Um fio invisível que nos alinha, nos costura, que nos entrelaça. Seguimos entrelaçados entre artesanias.

*Com carinho, Luísa.*

### **Referências**

BOFF, Leonardo . **Saber cuidar**: ética do humano, compaixão pela terra. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

*Agradecimentos a Daniele Noal, Daniela Dallegrave, Sônia Lemos, Miriam Pavan e demais participantes do Entre Artesanias.*

## **CARTA-NARRATIVA AO ENTRE**

*Paula Cadore*

Aos meus novos e velhos amigos, do Pampa e da Floresta, espero que estejam bem. Retomo nesta escrita, um pouco do que falei ao longo destes quatro encontros. O Entre Artesanias bateu em minha porta sem anunciar a chegada. Eu estava tomada por ansiedade, medos, agitação por produzir e o desafio de acolher outres em meio a crise sanitária e política. Acostumada com o som alto da campainha, quase nem escutei o “toc-toc” que vinha de longe. No tempo que me cabia, abri a porta para me aproximar de alguém que já conhecia, me apresentei e conheci outras mulheres, que acolhem e inspiram.

Senti como um chamado, que pulsava em mim através do desejo de, entre tantas coisas, parar. Percebi em meu corpo, a inscrição da automatização da vida. Escutar com dificuldade o “toc-toc” fez pensar sobre a forma que eu vinha escutando quem eu acolhia nos Centros de Atenção Psicossociais Álcool e Drogas, que trabalho. Mas, para além disso, de que forma eu tenho escutado a vida? Sentido as mudanças? Como eu tenho co-criado minha existência neste mundo? Em que se ancora o meu fazer?

Nestes dias tão difíceis, lembro de Laban (apud Launay, 2006), dizendo que o ser humano moderno não sabe mais se mover, apenas se agita. Retomar a experiência intensiva da vida (ALMEIDA, COSTA, 2019) não é só meu dever, enquanto terapeuta ocupacional, é meu desafio enquanto pessoa.

Estar com tantas gentes, novas e velhas, conhecidas e desconhecidas, foi a possibilidade que o Entre criou para viajar do Pampa a floresta, rever e conhecer gentes, em meio a pandemia. O

“toc-toc” foi o convite para a reunião de um coletivo plural e diverso, com um desejo em comum. Desejo este que parte da articulação entre a arte, a educação e a saúde, como forma de gestualizar o fazer e potencializar a vida.

Agradeço pelos nossos encontros, em que brinquedos, linhas, colas, papéis, tesouras, tintas, entre tantos outros cacarecos foram um acalanto para a retomada da ARtesania dos dias, resgatando em minha memória habilidades esquecidas e reforçando que nosso fazer é político (e resiste) em meio a tantos retrocessos. Compartilho a seguir, uma poesia escrita em nosso primeiro encontro, a partir das falas de tantas gentes queridas.

“Entre estes e aqueles,  
Aquilo que há entre  
o ser e o fazer.  
Entre dores e amores,  
Os livros e as vivências.  
Entre as falas e os silêncios,  
As imagens e os fios.  
Entre o movimento e a paralisação,  
o caos e a organização.  
Entre aquilo e aqueles  
A produção do cuidado [em movimento],  
Subvertendo a ordem,  
ARtesaniando a vida”

Que sigamos juntas, afetuosa abraSUS.

Paula

## Referências

ALMEIDA, M. V. M.; COSTA, M. C. . Movimento de Artes e Ofícios: perspectiva Ético-política-estética de constituição da Terapia Ocupacional. In: Carla Regina Silva. (Org.). **Atividades Humanas**

**e Terapia Ocupacional.** 1ed. São Paulo: Hucitec, 2019, v. 1, p. 59-79.

LAUNAY, I. Laban, ou a experiência da dança. In: PEREIRA, R.; SOTER, S. (org). **Lições de dança 1.** Rio de Janeiro: UniverCidade, 2006.

## **DOS PERCURSOS ENTRE O PAMPA E FLORESTA, AMOROSIDADE EM MOVIMENTO.**

*Sônia Maria Lemos*

Manaus, 05 de setembro de 2021.

Queridas Entre Artesanias!

Espero que esta encontre todes bem e seguros. Tenho ensaiado esta escrita de muitas formas, pouco eficientes, pois me deixo ocupar e dispersar. Não, não pense que você não é importante, sou eu, ando assim meio dispersa, espraiada entre muito e nada, entre tudo e pouco, entre aberta e fechada. Essa eu, que tem se derramado nas inúmeras atividades que faz e nos encontros mediados pela tecnologia, anda sedenta e saudosa de abraços, daqueles que as/os ursas/os sabem dar. As prosas com o Entre têm sido um sopro de ar, que invade pela fresta da porta ou da janela que insiste em não fechar.

Ar que lembra da vida, da respiração, da inspiração e da expiação pela emoção, pela arte, pela ação. Estar Entre é uma possibilidade de (re)existir, (re)descobrir, (re)inventar, resistir com afeto, com arte, com conhecimento e aprendizagem. Na presença etérea do virtual o registro eternizado na alma, do vivido, do sentido, do experimentado, do (com)partilhado.

Estar Entre o pampa e a floresta em uma trilha que dobra tempo e geografia, é experimentar e reinventar os encontros nesses tempos de pandemia. Um jeito de estar juntas, um espaço onde pulsa afeto e vida, que constrói intenções, intervenções, inclusões, conhecimentos ancorados e inspirados em Nise da Silveira, Ailton Krenak, Paulo Freire, Carolina de Jesus...



Estar com o Entre me faz revisitar ideias, conceitos e concepções, reafirmar minha incondicional disponibilidade na luta por inclusão, igualdade, respeito, equidade e redução das desigualdades. Também me faz construir novas trilhas, que necessitam de paradas para descanso e contemplação da vida que pulsa entre o pampa e a floresta.


Espero que sigamos construindo juntas, esperando tempos melhores, mais leves, amorosos, implicadas umas/uns com as/os outras/os/es. Que possamos seguir adiante, tentando incansavelmente, não deixar ninguém para trás. Que nossa força de ciranda, de dança, de movimento e de partilha de tempo/vida nos faça avançar e criar cada vez mais espaços para todes.

Desejo dias de sol, mas também dias de chuva para que possamos brotar e florir. Desejo noites de lua, de todas elas, de estrelas possamos (re)conhecer as diferenças. Nossa diversidade humana precisa de ancoragem na empatia, no amor, na esperança, no respeito às peculiaridades, nas vivências coletivas e partilhadas nas nossas práxis de inclusão, para assim diminuirmos o que nos separa e valorizar o que nos junta e aproxima. Assim como fazemos no Entre, inventamos uma dobra, criamos uma sala, fazemos dobradura, produzimos travessuras que estão expressas nos risos e encantos que ele desdobra em dias melhores.

Me despeço com um abraSUS e um até breve, cheinho de saudade e de esperança, daquela, Freiriana, que verbo.

Sônia Lemos

# #6



**Entre narrativas  
poéticas**

**ENTRE ARTESANIAS***Antonio Simeone Correia Leitão**Manaus*

Caro leitor e grande amigo  
Quero que faça saber  
Que essa história é marcada  
Por saúde, arte e saber

Uma conexão tão grande pura  
Entre norte e sul deste país  
Se fez durante semanas  
E eternizaram nossa raiz

Fincada no objetivo  
De aprender e ensinar  
Trançamos verso e prosa  
Costura e o desenhar

Em meio a tempos escuros  
Que iguais nunca se viu  
Abrimos as portas de casa  
Por vídeo e áudio ao Brasil

Sotaques, jeitos e visões  
De Porto a Manaus  
Trouxeram paz e encanto  
Vida nova entre o caos

Convido logo a você  
Pra começar a compartilhar  
Toda arte, vida e luz  
Que há em seu caminhar

Expresse de qualquer modo  
Em seu ao desenhar ou cantar  
Faça da arte o refúgio  
E venha artesanaria.

## DOS DESEJOS ÀS MEMÓRIAS DE ESTAR ENTRE

*Miriam Chiara Coelho Pavan*

“Amar o perdido  
deixa confundido  
este coração.

Nada pode o olvido  
contra o sem sentido  
apelo do Não.

As coisas tangíveis  
tornam-se insensíveis  
à palma da mão.

Mas as coisas findas,  
muito mais que lindas,  
essas ficarão”

Memória - Carlos Drummond de Andrade

Começo minha carta retomando a poesia que li no último encontro do Entre Artesanias em 2020. Não escrevi muito, mas precisava encontrar algo que representasse os sentimentos e pensamentos que tive ao participar dos encontros. Lembro de ter agradecido por ter feito parte deles, afirmando que ficariam marcados em minha memória. Pensar que as coisas um dia terminam faz delas mais especiais, de certa forma, e assim se deu com aquele encontro.

Muito aconteceu desde aquele dia, muito aprendi, pensei, escrevi e reescrevi. Algumas questões não mudaram, como a pandemia, por exemplo, que continua assolando o mundo, mas hoje

já consigo observar com mais clareza que há uma esperança. Vi a vacina chegar, meus pais, amigos e familiares se vacinarem. Iniciei o estágio curricular da Pedagogia no CAPS do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, onde ainda estou atuando em estágio não obrigatório. Também ingressei como bolsista do Projeto Entre Artesanias da Diferença, aquele projeto que, anteriormente, me fez ter contato com o acolhimento a partir da escuta em quatro encontros.

Tantas mudanças desde aquele dia, mas ainda trago comigo o que ficou, a essência que foi transmitida a todos e todas que participaram: vale a pena ter esperança.

Quero cultivar esse 'esperançar' e esse acolhimento no CAPS, junto aos usuários e equipe, em meu curso, junto aos colegas e professores, no meu projeto, junto com meus parceiros. Esperançar tempos melhores, pensar e construir juntos um espaço que busque verdadeiramente esse acolhimento, mesmo quando algo parece não ter saída. Desejo esperançar dias melhores, pessoas melhores, serviços melhores. Por onde começar?

## **Referência**

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia Poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

## **CAMINHOS DO ENTRE-NÓS**

*Telma Maria Fraga Bernardes*

As marcas do que foi e ainda é precioso:

Este encontro de Artesanias deixa registros os quais tentarei

nomear,

lembrando palavras proferidas, afetos bordados e os saberes aqui  
construídos.

Na vida do entre-nós, o eterno desatar

das ilusões confrontadas com nossa essência

Nos entre-tempos de todos nós, carregamos nossa bagagem

Tecendo junto o céu e os caminhos.

Constroem-se o saber, o amar e o viver entre sorrisos e poesia

Pedacinhos de um tempo vivido

Reencontro com os iguais, os afins e os diferentes

Da juventude, de sorrisos e de potência.

Jovens alunos e professores compartilhando saberes .

O tempo do amor, dos sonhos e das esperanças

Tempo também de guardar na memória o vivido

Com a alegria de ser e de reconhecer o outro

E sempre poder voltar à casa paterna

Tempo onde há perdas, mas também novas estradas

De encontros, desencontros e reencontros.

Das trocas de ideias, dos projetos, das ilusões e da poesia

O sorriso dos jovens, a união, o respeito, o saber e as lutas  
comuns

O ser e o mostrar, juntos construindo e reconstruindo  
caminhos

Um universo a lembrar, a viver, a esperar...  
Tecendo a vida, unindo norte ao sul  
Nos entre-nós dos caminhos bordamos um saber viver.  
Artesaniando!



## CARTA AO ENTRE

*Vilma Mourão*

Manaus, 15 de agosto de 2021

Estimadas gentes do Entre Artesanias,

Em primeiro lugar quero agradecer pela oportunidade de conviver com vocês nesses quatro encontros, desdobrados em outros tantos por meio das palavras trocadas por mensagens e sons das músicas compartilhadas por alguns de vocês. Gosto de nomear encontros como os nossos - espaços de expansão da existência, pela potência que tem a palavra, a presença benéfica do outro e a arte. Eu que sempre me acho tão ocupada e com a agenda tão cheia, me alegro e agradeço, também, a mim mesma por ter reservado esse precioso tempo para nos ocuparmos de nós mesmos, como bem disse a Daniele Noal em um de nossos primeiros encontros.

Quero dar notícias dos efeitos desses encontros em mim. O maior deles, talvez, seja o realce que a necessidade de criar e ampliar esses espaços de expansão da existência foi ganhando no meu dia a dia. Fazer coisas bacanas, com gente igualmente bacana, foi ratificando em mim, a real dimensão da urgência de colocar ainda mais prazer em meu cotidiano.

Foi muito bacana conhecer vocês, conhecer pessoas como a Lu com seus percursos, desafios e as formas como foi encarando cada um deles e, junto com as demais gentes que participaram de nossos encontros, partilhando suas histórias de vida, reafirmar a ligação e o poder da arte em cada um de nós, sobretudo, frente a esse

momento difícil que estamos atravessando – seja pela pandemia e as condições sanitárias por ela imposta, seja pelas ações desastrosas e “desmedidas” adotadas pelas pessoas que comandam nosso país, nossos estados e cidades.

Que momento difícil, dos mais sombrios de nossa história! “Faz escuro”, como sinaliza Thiago de Melo, poeta amazonense que, de igual modo, nos indica o caminho a seguir, ao declamar que ainda assim “nós cantamos” e ao cantar resistimos.

No caso do nosso grupo, cantamos e resistimos de diversos modos – uns cantam e cuidam de plantas como eu, alguns bordam, outros fazem lindas bonecas, escrevem e, outros, ainda, tricotam, dão presentes ou lembrancinhas significativas, enfim, se relacionam, criam laços com a arte e com os outros. E, numa sociedade como a nossa, insistir em ser gente, gostar, respeitar e cuidar de gente é quase uma subversão.

Esses encontros e o trabalho que desenvolvemos juntas desvelaram essa potência da vida que, ao se entrecruzar com a arte para “artesanear” laços de cuidado e respeito mútuo, viabilizam a redescoberta diária de nosso lado artista que, para mim, é sempre uma redescoberta...

Cozinhar é arte, fazer ponto de cruz é arte, acolher o outro é arte, cantar é arte, “viver é uma arte, um ofício, só que precisa cuidado, pra perceber que olhar só pra dentro é o maior desperdício...”, como declara Nando Reis em sua música “Do seu lado”. Cuidado para perceber quando o amor e o que mais te fizer bem estiver ao seu lado. O que nos faz pensar que viver não combina com displicência e cabe nos perguntar sempre - o que nos anima e faz nossos olhos brilharem? O que temos de precioso e que

vale a pena guardar como uma relíquia em um relicário ou no coração?

E por falar em relicário, lembrei-me da música de mesmo nome, escrita por Nando Reis e que nos instiga – sua cartilha tem o A de que cor? E como a mesma canção insiste que “atrás do filho vem o pai e o avô”, é preciso equacionar o que nos constitui e compreender que o A e todo o abecedário de cada cartilha deve mesmo ser diferente, posto que perseguir a felicidade nos guiando apenas pelo que nos precede e que está posto social e culturalmente, não me parece ser um bom caminho. A direção da felicidade pede reflexão e cuidado. Resta-nos compreender e aceitar a nossa incompletude. A ilusão de que um objeto nos complete, nos torne felizes ou aponte o caminho está perdida para sempre, como nos diz Freud – “A felicidade é um problema individual. Aqui, nenhum conselho é válido. Cada um deve procurar, por si, tornar-se feliz”. E é sob a chancela de Freud que, aqui junto ao saudoso Gonzaguinha, para me convocar e convocar cada um de vocês a “viver e não ter a vergonha de ser feliz”. Finalizo estas linhas com mais uma convocação, essa de autoria de Thiago de Melo – “Vamos juntos, multidão, trabalhar pela alegria, amanhã é um novo dia”.

Recebam todos um abraço fraterno,

Mourão.

## **CARTA AO COELHO BRANCO DE OLHOS COR DE ROSA OU SOBRE COMO ENFRENTAR O CORONAVÍRUS NO PAÍS DAS MARAVILHAS**

*Daniela Dallegrave*

Querido Coelho Branco,

Há tanto tempo que não nos encontramos! Fico muito feliz em poder escrever esta carta para contar um pouco sobre como estão as coisas por aqui. Sei que está mais na moda mandar mensagens instantâneas ou por correio eletrônico, pois tanta coisa mudou desde que esse vírus contaminou o País das Maravilhas... É um tal de tele-isso, web-aquilo ou vídeo-sei-lá-o-quê, que já nem sabemos quantos modos de conversar a distância são possíveis.

O fato é que o vírus chegou por aqui, em março de 2020, como a Lebre de Março, que chega no mês que lhe empresta seu nome, mas vai ficando por aí... freneticamente louca em março, não tão louca nos outros meses.

a Lebre de Março vai ser interessantíssima, e talvez, como estamos em maio, não esteja freneticamente louca... pelo menos não tão louca quanto em março (CARROLL, 2009, p. 78).

O vírus, aquele cujos atos parecem desarrazoados, que galopa velozmente para dentro do corpo, que se multiplica de forma exorbitante e que agride os órgãos e tecidos de forma obscena, leva nossos amores indecentemente! Parece que ele come biscoitos que o fazem aumentar, engrandecer, ele é gigante! E também é minúsculo ao mesmo tempo, tão pequenino que, para ser detido,

precisa ficar contido por máscaras com boa filtragem, tipo as PFF2 (peça facial filtrante). Outra coisa que aumenta vertiginosamente são os números de casos e de mortes... Eles não param de crescer, assustadoramente!

Às vezes, me pego pensando... como o dia está estranho hoje! Não sei mais se me chamo Alice, se estou mesmo no País das Maravilhas, durmo e acordo e tudo parece igual. O que não está nada igual é essa insanidade da gente... Onde já se viu nós aqui, os habitantes do País das Maravilhas, sabermos marcas de máscaras hospitalares? Falamos sobre a que tem mais ajustes, a que é mais confortável, a que mais isso ou menos aquilo... até parece que virou fetiche!

Na *verdade*, parece que a gente está ficando como a Pomba, vigiando as máscaras alheias, atentas ao nariz que tenta escapar da cobertura, à orelha que serve de cabide, ao pescoço (até ele! tão enxerido!) que quer sempre estar mais coberto do que a boca e o nariz.

tenho de ficar de sentinela, vigiando as cobras noite e dia! Ora, faz três semanas que não prego o olho! (CARROLL, 2009, p. 63).

Teve uma vez que eu vi os Jardineiros pintando as flores. Sabe como é? Elas eram brancas e logo depois estavam vermelhas, como o sangue desnecessariamente derramado. Eles tinham uma lata de tinta e pincéis... só pode que pintaram todas.

Uma grande roseira crescia junto à entrada do jardim; suas flores eram brancas, mas três jardineiros estavam à sua volta, pintando-as de vermelho. Alice achou aquilo curiosíssimo e se

aproximou para observá-los (CARROLL, 2009, p. 92).

Desconfio também que foram eles que inventaram essa história de se proteger com máscaras de pano... Elas até ajudam bastante, mas você sabe que as que protegem *mesmo*, tanto quem usa quanto quem está por perto, são as PFF2, né!? Será que os jardineiros estão pintando as máscaras também?

Outro dia, nem lembro quando foi... como você sabe, estou em casa desde o início da pandemia, no Brasil. Isso faz os dias parecerem os mesmos... minha cabeça não grava as datas, se perde no tempo e o espaço é sempre igual. Até esqueci o que eu ia falar! Sabe como é, esse monte de tecnologia acaba fritando nossos miolos... A gente não parou, estamos trabalhando muito e intensamente, mas paramos de ter a noção de tempo e de espaço e "não pense que a cabeça aguenta se você parar"!

Ah! Lembrei! Eu ia falar da Lagarta Azul! Eu estou com muita saudades da Lagarta Azul. Andei consultando-a para algumas notícias que recebi, porque ela sempre sabe muito sobre as coisas. Você nem vai acreditar!!! Ela me disse que eram notícias falsas! Parece que os Lacaio andaram espalhando umas coisas esquisitas por aí, nem gosto de mencionar muito porque me deixam confusa, mas até disseram que a vacina tinha *chip* para implantar nas pessoas, que poderiam virar jacaré ou coisas absurdas como a transmissão da Covid-19 por meio da tecnologia 5G. Você consegue acreditar numa coisa dessas?

O Lacaio-Peixe começou por tirar de debaixo do braço uma grande carta, quase do tamanho dele, que entregou para o outro, dizendo com solenidade: "Para a Duquesa. Um convite da

Rainha para jogar croqué.” O Lacaio-Sapo repetiu, com igual solenidade, só trocando um pouquinho a ordem das palavras: “Da Rainha. Um convite à Duquesa para jogar croqué.” Depois ambos fizeram uma profunda mesura, e os cachos dos dois se embaraçaram (CARROLL, 2009, p. 67 e 68).

A Lagarta Azul também me falou que a comunidade de lagartas está crescendo, o que me deixou muito aliviada! As lagartas são muito sábias, costumam cumprir as medidas definidas por pacto social e coletivo, sabem que é necessário higienizar as mãos, com álcool ou com sabão, já fizeram ou aguardam ansiosamente pelas suas doses de vacinas, mantêm o uso das máscaras em todos os espaços, inclusive ao ar livre, se isolam quando apresentam algum sintoma relacionado à Covid-19, fazem testes para confirmação e procedem todas as recomendações de cuidado para evitar transmissões do vírus (ficam em casa quando podem, ventilam os ambientes em que estão, entre outras coisas).

“Isso não está correto”, falou a Lagarta.

“Não completamente, acho”, disse Alice; “algumas palavras foram alteradas.

“Está errado do princípio ao fim”, declarou a Lagarta, peremptória. E seguiram-se alguns minutos de silêncio. (CARROLL, 2009, p. 60).

Conversei com a Lagarta e chegamos à conclusão de que o Dodô poderia ajudar a compreender sobre como devemos fazer para melhorarmos a contenção do vírus. Você sabe, né, o Dodô explica fazendo!

“O que eu ia dizer”, disse o Dodô num tom ofendido, “é que a melhor coisa para nos secar seria uma corrida em comitê”. [...] “Ora”, disse o Dodô, “a melhor maneira de explicar é fazer (CARROLL, 2009, p. 35).

O que eu mais gostei de aprender neste período foram as diferentes formas de cumprimentar as outras pessoas, já que tocar as mãos dos outros pode ser algo bem perigoso por causa do nosso inimigo, que pode estar escondido embaixo de uma unha ou alojado entre os dedos. No dia em que eu fui tomar a vacina, encontrei o Caxinguelê. Ele quis me cumprimentar com os cotovelos e isso foi fantástico! Você sabia que ele deixa a gente colocar os cotovelos sobre ele quando estamos tomando chá... me admirei com a atitude tão criativa... o Caxinguelê está sempre dormindo por aí, mas ele gosta de cotovelos.

(...) estavam tomando chá; entre eles estava sentado um Caxinguelê, que dormia a sono alto, e os dois o usavam como almofada, descansando os cotovelos sobre ele e conversando por sobre sua cabeça (CARROLL, 2009, p. 80).

A Lagarta me falou que, na turma dela, tem aquelas que gostam de fazer cumprimentos com os pés!

Sabe, Coelho, tenho encontrado alguns Gatos de Cheshire por aí... você viu algum? São aqueles que desaparecem de uma hora para a outra, que as vezes deixam o sorriso aparecendo, para lembrar-nos de que são companhias, mesmo a distância... e está tão difícil sorrir com tantas mortes evitáveis acontecendo... são amigos e amigas que nos sorriem e que se mostram presentes!

"Por favor, poderia me dizer", perguntou Alice um pouco tímida, pois não sabia se era de bom-tom falar em primeiro lugar, "por que seu gato tanto sorri?"

"É um gato de Cheshire", disse a Duquesa, "é por isso" (CARROLL, 2009, p. 70).



Bom, vou me despedindo por aqui, espero que a gente possa se encontrar em breve. Sei que você está em casa também, continue por aí, é só mais um pouquinho... Podemos fazer isso, pelo bem de muita gente! O isolamento é uma medida muito eficaz! Ah! E se você encontrar o meu amigo Chapeleiro Maluco, diga para ele que eu ainda não tenho uma resposta...

"Já decifrou o enigma?", indagou o Chapeleiro, voltando-se de novo para Alice.

"Não, desisto", Alice respondeu. "Qual é a resposta?"

"Não tenho a menor ideia", disse o Chapeleiro (CARROLL, 2009, p. 84).

*Com amor, Alice.*

## **Referência**

CARROLL, Lewis. **Aventuras de Alice no país das maravilhas;** Através do espelho e o que Alice encontrou por lá. Traduzido por Maria Luiza Xavier de Almeida Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

**Agradecimentos** – A Daniele Noal Gai, grande parceira de universidade, de ensino, de pesquisa e de extensão, pela companhia constante e pelo abraço distante, que me fortalece muito!

À Sônia Maria Lemos, pelo belo encontro que tivemos e por nos colocar tão pertinho de Manaus.

À Odilo Kreutz, pela revisão de português, de linguística e de estilo.

## #07 SOBRE OS AUTORES E AS AUTORAS

### ***Alice Teixeira Freitas***

Estudante do 7ª período do curso de Pedagogia/UFRGS. Bolsista de iniciação científica dentro da área da alfabetização. Estagiária no Centro de atenção psicossocial infantojuvenil do Hospital de Clínicas de Porto Alegre.

### ***Aline Milena Castro Matos***

Graduanda de Pedagogia, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bolsista de Pesquisa do Projeto Entre: Artesanias da Diferença (UFRGS). Estagiária no Serviço de Educação Física e Terapia Ocupacional no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) do Hospital de Clínicas de Porto Alegre.

### ***Antonio Simeone Correia Leitão***

Graduando de Enfermagem, na Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

### ***Daniela Dallegrove***

Professora da Escola de Enfermagem e do PPG em Ensino na Saúde da UFRGS. Mestre em Enfermagem na área de educação e saúde (UFRGS). Doutora em educação, na área de educação e saúde (UFRGS). Constitui a gestão da Associação de enfermeiros acupunturistas e enfermeiros de práticas integrativas (ABENAH).

### ***Daniele Noal Gai***

Educadora Especial (UFSM). Doutora em Educação (UFRGS). Docente da Faculdade de Educação (UFRGS). Líder do Projeto Geringonça [pedagogias da diferença. ecologias da vida]. Coordenadora da Pesquisa-extensão Entre Artesanias da Diferença (modos de existir, narrar e aprender na deficiência e na loucura) UFRGS e UEM/AM.

### ***Elisandro Rodrigues***

Pedagogo, doutor em Educação pela Unisinos. Mestre em saúde coletiva pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Técnico em educação na Escola GHC Grupo Hospitalar Conceição

***Janaína Oliveira Steiger***

Psicóloga, graduada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Residente no Grupo Hospitalar Conceição (GHC), no Programa de Saúde da Família e Comunidade.

***Jose Menna Oliveira***

Graduado em Medicina pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), doutor em Neurociências pela UFRGS. Atualmente trabalha na prefeitura municipal de Porto Alegre. Professor no curso de Psicologia da Instituição Evangélica Novo Hamburgo. Atua como médico especialista na UFRGS.

***Letícia Dalla Costa***

Graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Maria. Residente em Saúde da Família e Comunidade - Grupo Hospitalar Conceição.

***Luciana Moro Machado***

Terapeuta Ocupacional pelo Centro Universitário Metodista (IPA/RS). Possui Especialização em Saúde Mental Coletiva pela Universidade Federal de Santa Maria e é Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (Instituto de Psicologia/ EICOS/ UFRJ).

***Luisa Copetti***

Graduanda de Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Diretora de arte e ilustradora para motion graphics e animação 2D.

***Miriam Chiara Coelho Pavan***

Graduanda de Pedagogia, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bolsista de Extensão do Projeto Entre: artesanias da diferença. Estagiária no Serviço de Educação Física e Terapia Ocupacional no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) do Hospital

de Clínicas de Porto Alegre.

***Paula Cadore***

Terapeuta Ocupacional (UFSM), Especialista em Saúde Mental Coletiva, Pesquisadora do Projeto Entre: artesanias da diferença (UFRGS).

***Rosana Aparecida Fernandes***

Professora de Filosofia da Educação, na Faculdade de Educação (UFRGS), no Departamento de Estudos Básicos (DEBAS). Possui Graduação em Pedagogia pela Universidade de Brasília. Mestre em educação pela UFRGS e Doutora em educação pela UFPEL.

***Sônia Maria Lemos***

Psicóloga, doutorado em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social-IMS/UERJ - dinter UERJ/UEA. Professora na Universidade do Estado do Amazonas. Diretora 2ª tesoureira da Associação Brasileira de Ensino de Psicologia. Membro da Comissão Própria de Avaliação-CPA, da UEA.

***Telma Maria Fraga Bernardes***

Graduada em Medicina pela Universidade Federal de Pelotas. Possui Residência e Especialização em Psiquiatria/UFRGS. Psicanalista - Sociedade Psicanalista de Pelotas/IPA. Doutora em Literatura Universidade de Limoges-França. Pós-graduada em Artes Visuais pela FEEVALE.

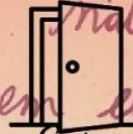
***Victoria Kroth***

Graduanda de Pedagogia, na Faculdade de Educação (UFRGS), com complementação dos estudos na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Possui experiência na área de saúde mental.

***Vilma Mourão***

Professora da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Mestre em Educação. Doutora em Psicologia do Desenvolvimento e Educação.





imagens vazias que apenas languencaram seu corpo e se  
evadirão. Eles estão de passagem, e de sua natureza  
semelhante ao vórtice, rotacionam continuamente em espirais,  
oscilam com a firmeza dos fios da língua - e  
boilham mansamente por aquela lagoa, mansa na superfície,  
mas incontrolável nas profundezas. Próximo à água, em  
fiavimas, mas quais escrivãos se enfeocaram, ainda  
trazendo restos de corda pendente. (Você acredita em  
barbas de pau?)  
Nas aréias brancas das praias, as barbas são poucas  
e com contraponto. Onde ninguém  
puxa, uma cidade de luar, por  
volta = Alunos dos aqua

## Projeto de Pesquisa e Extensão Entre Artesanias da Diferença

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
Av. Paulo Grama, s/n, Centro - POA/RS/BRASIL.

CEP: 90046-900

Telefone: (51) 3308-3985

comunicacaofaced@ufrgs.br

bibfaced@ufrgs.br

entreartesanias@gmail.com



entre.artesanias